

APENAS MAIS UM  
LIVRO DE AMOR

ANTOLOGIA LITERÁRIA



**Érica de Oliveira & João Paulo Hergesel**

(organizadores)

**APENAS MAIS UM  
LIVRO DE AMOR**

ANTOLOGIA LITERÁRIA

1.<sup>a</sup> edição



**Editora Jogo de Palavras**

• Alumínio, SP •

2018

Copyright © 2018 by Editora Jogo de Palavras

**Revisão:**

Érica de Oliveira

**Editoração:**

João Paulo Hergesel

**Ilustração de capa:**

CC0 License

---

A641

Apenas mais um livro de amor / organização: João Paulo Hergesel; Érica de Oliveira. – 1. ed. – Alumínio: Jogo de Palavras, 2018.

96 p. | 14 cm x 21 cm.

ISBN (edição física): 978-85-66626-77-3

ISBN (edição digital): 978-85-66626-78-0

1. Literatura brasileira. 2. Ficção.

I. Título.

CDD: B869.8 | CDU: 82-3

---

Impresso no Brasil

Todos os direitos desta edição reservados a:

**Editora Jogo de Palavras**  
Alumínio, SP • 2018  
[www.jogodepalavras.com](http://www.jogodepalavras.com)

## EU MULHER ...

SULEMA MENDES

*(autora convidada)*

... feita de água e luz.

Estranho ser anfíbio, luminoso.

Sou eu a verdadeira senhora da criação.

Por mim, para mim, o homem domou a natureza, ergueu civilizações.

Juntou sons e fez música, delineou formas e criou arte.

Voraz, terrível, assolou a Terra, queimando em meu louvor as próprias entranhas.

Mãos sujas de sangue e morte estendeu para o meu corpo.

Cabeça exangue, ferida, verteu vida no meu seio.

Em água e luz – a minha essência – tomei as cores da guerra.

Fui clarão, vento, ódio, violência.

Semei cólera e desespero. Colhi destruição. Fui morte.

Depois, gerei paz, esperança.

De mim, para mim, flui a vida.

Alimentei guerreiros, poetas. Nutri santos e assassinos.

Armei de fúria o braço vingador.

Com piedade, enxuguei o suor frio dos moribundos.

Cíclica, sou Vida e Morte.

Eu, Mulher, Princípio e Fim da Criação.

Na fragilidade da minha carne, a força contida do desejo  
espreita.

Eu me reclino, e sobre mim o Universo se desdobra.

Horizonte feito de espaço ilimitado, meu corpo é chama e paz.

O Homem é Terra.

Eu me infiltro.

Tomo, retomo e o carrego dissolvido em mim.

Cravo minha forma em suas retinas.

Mesmo cego, ele me retém, ferida aberta na lembrança.

Meus dedos macios, de unhas longas, fazem sangrar o coração  
do Homem-Terra.

No centro do meu corpo liquefeito, aperto seu sexo convulso

E no meu ventre ele se desfaz em agonia e prazer.

Em meus braços, as dimensões do tempo se confundem.

Antes e depois perdem contornos na minha natureza móvel,  
líquida.

De água, o meu ser se infiltra, amolece, desagrega

– convertida a agreste Terra em lama escorregadia.

Senhora da peste, espalho meus dedos gelados sobre ardores e  
pausas.

Dissolvo grãos de esperança para irrigar o barro imundo

Onde a vida tem começo.

Marco em fogo minha passagem.

Estrelas e búzios assinalam a rota.

Minha sede de transcendência pare prolongamentos  
fosforescentes de amplitude.

Meus olhos transparentes acenam abismos.

Dos meus cabelos medram algas e entretecidos fios de sombra.

Com eles, cubro a nudez implacável da minha forma cambiante.

Na ânsia de me amoldar, eu me perdi de mim.

Chorei séculos de desencontro.

Volto às raízes da minha natureza anfíbia, como ser  
predestinado à duplicidade.

Dúbia, volátil, não me apreso.

Carrego a semente do nada, trilha marcada por lenta, contínua  
desagregação.

Eu me retomo, passo a passo, de mim mesma.

Matriz, gerei a própria antítese.

Prossigo meu caminho sinuoso de volta à fonte.

Assinalada pela interrogação, arrasto o corpo liquefeito

No leito tangencial da estrada que tracei.

Eu me recolho e me distendo para o horizonte sideral,

Apoiando o ventre ambíguo sobre a terra.

Do outro lado, o Homem, de quem fui origem e ocaso.

Do outro lado, sempre.

Mesmo quando me segue, alcança, abraça

...sempre do outro lado ...

**Sulema Mendes** nasceu em Palmas (Paraná). Estudou em Curitiba. cursou a Faculdade Estadual de Direito de Londrina. Escreveu seu primeiro romance, *Chagas O’Cabra*, em 1975; publicou-o no mesmo ano. Colaborou com jornais e revistas, ainda no Paraná.

No Rio de Janeiro, trabalhou na imprensa como freelancer a partir de 1976, na Última Hora, no Jornal do Brasil, em revistas da Editora Bloch – *Carinho*, *Carinho Romance*, *Desfile*, etc. Nessa mesma ocasião, começou a interessar-se por literatura infantojuvenil, tendo escrito quatro pequenos romances: *Uma vitória legal*, *Um presente para Cláudia*, *Marina Marina* e *O amor e as pedras*.

Em 1980, a Rede Globo transformou em novela um de seus livros – *Marina Marina*.

De 1983 a 1985, esteve várias vezes fora do País, sempre a bordo de um navio, como passageira e como parte do *staff*. Dessa dupla experiência, resultou mais um romance: *O cruzeiro da chuva*.

Até 2018, publicou dezenas de romances e livros de contos, além de manter obras ainda inéditas em seu acervo.

Contato com a autora: [smblivlev@yahoo.com.br](mailto:smblivlev@yahoo.com.br).



## Sumário

### **Dos amores divididos e multiplicados**

*Regina Ruth Rincon Caires*..... 13

### **Dama e o Mendigo – E se fosse uma peça de amor?**

*Ane Yassuda* ..... 15

### **Metamorfose**

*Nilmara Tomazi*..... 25

### **Almas que se amam**

*Edih Longo*..... 31

### **Cativas**

*Márcio Fernando Silveira*..... 38

### **Desencontrados amores**

*Paulo Luís Ferreira*..... 40

### **Amálgama de dois corpos**

*Gisele Martins Ferreira*..... 45

**O amor acontece quando menos se espera**

*Giórgia Neiva*..... 50

**A incrível história de amor dos meus pais**

*Leverton José Veríssimo Vieira* ..... 54

**Sentimentalismo**

*Marcelo Gomes Jorge Feres*..... 56

**Aquilo que eu sinto é amor?**

*Gabriela Rodrigues Ferreira da Silva*..... 58

**Para um ingrato**

*Edson Amaro*..... 61

**Eu acredito no Amor!**

*Aldirene Máximo*..... 62

**Vitral**

*Letícia Maria Motta de Moraes*..... 63

**Amor Maior**

*Julie Veiga*..... 64

*Tamara Castro*.....66

### **Passa-Passa**

*Geraldo Trombin* .....67

### **Jantar**

*Felipe Messara Diniz e Silva* .....69

### **Amor às mil palavras**

*Roque Aloisio Weschenfelder*.....71

### **carne (ato único)**

*Lucas Leandro* .....73

### **Milagre**

*Maria Sueli Fonseca Gonçalves* .....76

### **Eco e Narciso**

*Débora Inácia Ribeiro*.....77

### **A Dois**

*Geraldo Rosa* .....78

## **Antologia**

*José Brandão* ..... 80

## **No Ano do Amor!**

*Maria Teresa Pelica* ..... 81

## **Segundo poema sem as cabeças**

*Michelle Alves* ..... 83

## **Intensidade**

*Antonio Luiz Medeiros de Campos* ..... 85

## **A Luz de Delft**

*Joaquim Bispo* ..... 86

## **O amor de uma mãe**

*Renata Ferreira* ..... 89

**Sobre os autores** ..... 91

## Dos amores divididos e multiplicados

*Regina Ruth Rincon Cairns*

Arroz, feijão, mexido de ovo e farofa de torresmo.

Tudo misturado, amassado. Isso era feito dia após dia, sempre nos mesmos velhos e descascados pratos de ágate. Cada neto era servido com esse manjar dos deuses, carinhosamente temperado de generosidade, doação, amor.

A avó compactava a comida no círculo central de cada prato, borrifava algumas gotas de limão-cravo e com a lateral do garfo fazia uma cruz no centro, dividindo a porção em quatro partes. Dizia que cada parte era dedicada a um dos quatro grandes amores da vida: mãe, pai, avó e avô.

E, comprometidos com esses amores, cada um de nós escolhia a parte mais amada para iniciar a refeição. Quase sempre a sequência lógica prevalecia: mãe, pai, avó e avô. Raras vezes essa harmonia era quebrada, e quando isso acontecia nem precisava investigar: havia uma surra atrelada a isso. Uma surra dada ou uma surra prometida. Se bem que isso era muito particular. Se havia alguma inversão, ninguém comentava. Acontecia dentro das cabecinhas. Sei que acontecia isso porque inverti algumas vezes.

Enquanto comíamos, a avó, de longe, sempre atarefada com a lida da casa, cautelosamente controlava a nossa alimentação. Era comum ouvir:

— Quem já comeu uma parte? Didi, você está sem fome? Lúcia, a comida não está boa? Faltou sal?

Ela sabia que a comida estava sempre boa. Nunca faltou sal e nem sobrou. Nunca errou a mão em nada. Ali

estava o amor mais saboroso que uma criança poderia receber. Era uma cumplicidade de afetos tamanha que espantava qualquer insegurança, qualquer medo, qualquer tristeza. Era um porto seguro.

Com o passar do tempo, fui percebendo que naquela divisão faltavam partes. Havia mais dois amores a serem colocados, ali no meu prato. Meu irmão e minha irmã.

Então, sem alarde, comecei a repartir as porções do pai e da mãe, de modo a serem quatro. Ali estavam os dois que faltavam. E eu ficava feliz assim...

Fiz isso por algum tempo sem ser notada. Quero dizer, pensando não ser notada. Imagine se isso seria possível! Nada escapava à tenência sempre zelosa da avó. E um dia, enquanto eu multiplicava as minhas divisões, ela aproximou-se de mansinho e, com aquele olhar que jorrava ternura, me disse:

— Existem outros amores, não é mesmo, menina?!

Depois do susto, sentindo o afluxo do sangue ruborizando o meu rosto por perceber que ela havia descoberto o meu feito e não querendo que ela se sentisse afrontada pela minha iniciativa, prontamente coloquei-me de pé. E ela, no intuito de me tranquilizar, passou as mãos pelos meus cabelos e, com a maior serenidade do mundo, me disse:

— Ao longo da vida, minha neta, você irá encontrar muitos amores. Alguns serão somados, outros nascerão... Serão tantos, mas tantos, que não caberão nem no maior prato do mundo!

E ela estava com a razão...

## Dama e o Mendigo

– E se fosse uma peça de amor?

*Ane Yassuda*

Elvis Frederico é um cachorro empalhado. Está no sofá enquanto Natali limpa a casa.

**Natali:** Veja bem esta vida, Elvis! Saio do trabalho. Exausta. Com meus pés ardendo em calos... Ainda com a voz agoniada do meu chefe na cabeça. Escrever artigos para um jornal não é fácil. E para piorar um verme indecente me atropela com um carrinho de rolimã e me derruba na poça d'água. Ahh, Elvis Frederic, sem você minha vida não tem sentido, caro amigo! Estou muito cansada, Frédéric, irei para o banho e depois descansar.

Bartolomeu passava por ali todos os dias. Era um mendigo com um saco cheio de garrafas.

**Bartolomeu:** Ôoooo de casa!

Ela aparece em trajes da noite. E o rosto com uma pasta branca. Cambaleando de sono.

**Bartolomeu:** Ah Meu Deus! O... O apartamento é mal-assombrado! Ah, meu santo Agostinho... ah, Jesus do Imaculado coração... Prometo nunca mais dormir no cemitério. Aiiii...

**Natali:** O que quer aqui? Chamarei a polícia!

**Bartolomeu:** Mas... é a senhorita?

**Natali:** Claro que sou eu. O que faz em minha casa? Não o convidei.

**Bartolomeu:** É linda até com cara de fantasma, senhorita. Tiro meu chapéu humildemente diante de ti.

**Natali:** Depois de me derrubar como uma abóbora no chão é pouco tirar o chapéu para mim.

**Bartolomeu:** Ah, então tiro a roupa toda senhorita!

**Natali:** Não, pelo amor de Deus! O que queres aqui, senhor? Diga logo!

**Bartolomeu:** Oh, senhorita. Um jovem apaixonado deu-me duas moedas para trazer-lhe flores. É um admirador a mais para sua beleza, senhorita.

**Natali:** E tu o conheces? Como é esse galante homem?

**Bartolomeu:** Bom, não é como Bartolomeu. Mas dá “pro” gasto!

**Natali:** E quem é Bartolomeu?

**Bartolomeu:** Está diante dele... A senhorita é Natali. E trabalha no Jornal que dá notícia e é publicado todo dia, não é?

**Natali:** Escuta Bartolomeu, não tem o que fazer? Como tomar um banho, por exemplo?

**Bartolomeu:** Não, senhorita. Sou um pobre vagabundo, sofrendo com o racionamento da fonte da praça!

**Natali:** E então?

**Bartolomeu:** O admirador disse que todos os dias, te enviará flores e chocolates. E serei eu o entregador. Farei de bom grado.



**Natali:** Se para receber as flores desse tão misterioso admirador, é necessário ver-te todos os dias... Suporto o sacrifício.

E assim o fez. Beijou a mão da mocinha. E em outras e outras vezes.

Bartolomeu carrega sempre um pão bengala no casaco. Nem faz média. Nem se incomoda.

Todos dizem que ele é um pobre coitado, mal sabem quanta inteligência tem.

**Natali:** E agora?

**Bartolomeu:** O quê?

**Natali:** Esse seu amigo quer me engordar.

**Bartolomeu:** Talvez ele ache a senhorita muito “magrita”!

**Natali:** O que tens?

**Bartolomeu:** Senhorita, não como há dois dias... Ai meu Deus! Isso é um rato ou um cachorro?

**Natali:** Não fale assim de Elvis...

**Bartolomeu:** Por que ele está assim duro?

**Natali:** Ele é meu cãozinho. Empalhado. Foi a maneira mais conveniente que encontrei para mantê-lo sempre perto de mim.

**Bartolomeu:** Ahhh! Ou seja, ele morreu!... Meu nome é Bartolomeu Batista, de batismo.

**Natali:** “Batismo” é teu sobrenome?

**Bartolomeu:** Não senhorita: Bartolomeu Batista.

**Natali:** Eu sou Natali... Escute, poderia ficar de companhia para meu cachorro? Irei à cozinha pegar algo para ti, já que não se alimenta há dois dias... Mas cuidado! Não mexa em nada! Frederico ficará de olho.

**Natali:** Está tudo bem aí?

**Bartolomeu:** Tudo, sim. Teu cachorrinho é uma gracinha! Estou ouvindo latidos do além... Acho que ele quer dar uma volta! Vou jogar esse trem pela janela...

**Natali:** Nossa! O que houve? Está suando!

**Bartolomeu:** É o calor! Sabe como é, senhorita, sua presença me deixa nervoso!

**Natali:** Onde está ELVIS?

**Bartolomeu:** Ele saiu... Foi tomar uma fresca.

**Natali:** Mas ele nunca foi para a rua antes.

**Bartolomeu:** Será que é por que ele está morto?

**Natali:** O meu cachorro sumiu!!!

**Bartolomeu:** Irei encontrá-lo, fique calma!!! Fique bem aqui... Pode ser que ele volte.

**Natali:** Como isso aconteceu... “Elvis Frederic” não sai jamais sem a minha companhia.

**Bartolomeu:** Sempre tem uma primeira vez... Mas eu o encontrarei. Sou um bravo e corajoso caçador de fantasmas!

**Natali:** “Elvis Frederic” é um cachorro!

**Bartolomeu:** É o que eu quis dizer. Mas acalme-se. Encontrarei o gasparzinho...

**Natali:** Ähn?

**Bartolomeu:** Digo... O filhotinho!

**Natali:** Essa cidade é grande demais, tem açougueiros por toda parte. Ele vai virar salsicha!

**Bartolomeu:** Seria sorte demais encontrá-lo na mesa branca!

**Natali:** Oh! Deus! Devo procurá-lo imediatamente.

**Bartolomeu:** Fico em sua casa para o caso dele voltar.

**Natali:** Irei à padaria para ver se alguém o viu cercando os pães.

**Bartolomeu:** Não, vai estragar meus planos... Encontrei o miserável!!!

**Natali:** Ahhh, meu pequenino. Por onde andou? O que andou fazendo? Nossa! Bartolomeu, devo-lhe a minha vida por ter encontrado meu pequeno Elvis Frederic! Quer jantar comigo esta noite?

**Bartolomeu:** Adoraria, senhorita.

**Natali:** Hoje, às 19h, o esperarei com um delicioso banquete!

**Bartolomeu:** Até logo, bela Natali!

**Natali:** Que bom que Bartolomeu te encontrou, pequeno Elvis Frederic. Ele é tão feio. Mas tem um grande coração. Pobrezinho. Não tem ninguém na vida. É solitário. Sorte que tenho a ti. Irei preparar o jantar.

Bom, havia algo estranho no ar. Não confiaria tanto assim. Mas para Natali já estava tudo certo para o jantar.

**Natali:** Ah, obrigada. És muito gentil! Não devia gastar seu dinheiro assim...

**Bartolomeu:** Não é meu presente. É do admirador.

**Natali:** Afinal, quando este misterioso cavalheiro vai se declarar de verdade?

**Bartolomeu:** Isso não sei... E quando teu cachorro será exorcizado da sua casa?

**Natali:** Não fale assim de Elvis! Ele tem sido a única companhia por todos estes anos. E deverias ter tomado um banho antes de vir!

**Bartolomeu:** Mas lavei minhas mãos...

**Natali:** Não é suficiente. É importante tomar banho todos os dias.

**Bartolomeu:** Quando podemos “rangar”?

**Natali:** Venha. Espero que não se importe. Tenho apenas um prato. Por ser sozinha, não possuo muita louça.

**Bartolomeu:** Claro que não me importo!

**Natali:** Pronto. Agora podemos jantar.

**Bartolomeu:** Hummmm... faz tempo que não sinto um cheiro tão bom...E essa música?

**Natali:** Deve ser no vizinho.

Bartolomeu tinha medo do Elvis e imaginava que era observado o tempo todo, até podia ouvir seu latido.

**Bartolomeu:** Aií, eu vou pra casa rezar!

**Natali:** Mas não tens casa!

**Bartolomeu:** É... Não tenho. Está tão frio hoje... Não tenho casa. Moro na rua deitado no papelão que cobria os peixes da feira... Alguns pobres e desonestos ratos roubam as migalhas do meu único pão mofadinho que a confeitaria jogou para os pombos. Há noites que parecem dias e dias que

parecem noites, e chamamos de eclipse. Dias de sol escaldante que queimam minha pele deixando-a como um camarão, e que chamamos de insolação. Vida triste está a nossa de vagabundos, pobres mendigos, que fazemos dos jornais nosso travesseiro e nem sequer olhamos os classificados de emprego... Oh, e quando vêm as chuvas, o melhor a fazer é se molhar, pois não se sabe quando tomaremos outro banho. Enfim, pequena Natali, minha vida é difícil. Não tenho casa, não tenho família. E a única amiga que tenho é praticamente “casada” com um cachorro empalhado. Não tens problemas, bela Natali. Eis que até mesmo um galante homem te admira em segredo. E eu? Nem um par de pés para me aquecer nesta noite fria, a não ser do meu amigo Josué!

**Natali:** Quem é Josué?

**Bartolomeu:** O gato que lambe o papelão com os restinhos de cardume.

**Natali:** Pobrezinho!

**Bartolomeu:** Tenha uma boa noite, Senhorita. Obrigada pelo jantar e pela companhia.

O pobre homem desapareceu por vários dias. Não deu sinal de vida. E Natali já se ardia em preocupação.

**Natali:** Estou preocupada. Afinal... Duas semanas que Bartolomeu não bate a minha porta. Nem trouxe presentes do admirador. Algo aconteceu. Nem o vi pelas ruas. O pobre não tem culpa de ser tão...

**Bartolomeu:** Oh, minha senhorita. Foram dias de tormenta. Já não me aguento em pé! Mas consegui chegar até aqui e entregar-lhe a rosa do teu bem amado! Estou doente dos pulmões e não dos pés. Por isso, caminhei lentamente por duas

semanas a fim de entregar-lhe a flor do amor. Está murchinha como eu. Mas não deixa de ser importante.

Ele cai em seus braços. Foi um motivo para a moça abrigá-lo naquele dia.

**Natali:** Hora da sopa! Se sentirá melhor. Penso que pegou um forte resfriado por causa do inverno.

**Bartolomeu:** Estarei melhor daqui a pouco e irei para o mundo!

**Natali:** De jeito nenhum. Pode ficar em minha casa até se recuperar.

**Natali:** Tenho que ir trabalhar. Ficaré com Elvis Frederic.

**Bartolomeu:** Não, pelo amor de Deus!

**Natali:** Calma. Não se levante assim. Ficaré bem!

**Bartolomeu:** Vai me deixar sozinho com esse... esse... morto empalhado?

**Natali:** Fique tranquilo, Bartolomeu!

**Bartolomeu:** Se pensa que vai destruir meus planos está enganado, filhote de ectoplasma! E não vai me assustar arrastando correntes por aí!

Bartolomeu era um cara legal. Porém, muito suspeito. Revirou a casa toda à procura de algo que seria muito importante para sua vida.

**Bartolomeu:** Finalmente! Conseguirei meu emprego de volta! Mas... ela foi tão boa comigo. Pensando que... mas ela tomou o meu lugar no jornal...

**Natali:** Havia esquecido minha bolsa... Nossa! Está tudo bem?

**Bartolomeu:** Estou bem... Estava procurando um jornal.

**Natali:** Ah, certamente. Tenho aqui sobre a mesa. Deixe-me ver se é de hoje.

Mas algo ali a deixou pasma e inconformada. Um artigo no jornal muito parecido com o dela em nome de outra pessoa e a foto do canalha.

**Natali:** Como pode aproximar-se de mim para conseguir minhas poesias e publicá-las em seu nome e com sua foto, Bartolomeu Otávio Isaías Carduc? Fingindo-se de pobre vagabundo e doente?

**Bartolomeu:** Perdoe-me... Estou arrependido.

**Natali:** Arrependido? Por que alguém como tu se arrependeria de causar tristeza em outra pessoa? Enganou-me e Elvis Frederic sabia.

**Bartolomeu:** Elvis está morto e empalhado!

**Natali:** Elvis não morreu! Cale-se! Está mais vivo por ter sido leal comigo! Saia da minha casa! Como pude me enganar tanto! Quanta mentira!

Bom, isso pela lógica aconteceu no final do século 19. Em tempos atuais, uma mulher não seria tão louca, romântica e abrigar um mendigo e tão logo ser roubada. Seria?

**Natali:** Também sente a falta dele, não é? Não o vi hoje. Nem pelas ruas... Começarei meu trabalho em casa. Talvez faremos uma viagem, o que acha? Parece loucura pensar no Bartolomeu, o vagabundo, e odiar o jornalista por debaixo de toda aquela roupa imunda. Bem que o olhar dele não era estranho. Fui tão burra, Frederic. Percebestes rápido quem era ele. Roubou-me, enganou-me. Fez com que eu sentisse pena... E ainda sim me preocupo. Por quê?

Quando assim ela decide se distrair lendo um jornal. Prende-se à emoção:

“Pude viver duas vidas. Fui homem e fui cafajeste. Também senti na minha pele o horror de ser esnobado e tido como incapaz. Por quatro semanas fui o que não sou para conseguir recuperar o meu trabalho e minha dignidade. Por orgulho e preconceito com a mulher mais esplêndida que já conheci. Então, perdi a sua confiança, tentei conquistar a sua pena e admiração. Mas cai na armadilha do amor e me apaixonei. Escrevo, caros leitores, na esperança de que ela leia. Todas as flores que a ela entreguei, chocolates e olhares, até então não sabia que estava amando essa mulher. Pois quando eu era um vagabundo, me aceitou e me reconheceu entre tantos. Mas dizem, amigos, que só o amor pode perdoar e reconhecer a metade de si mesmo em meio a grandes multidões. Talvez ela possa preferir amar um simples vagabundo do que um homem como eu. Mas se assim desejar, voltarei para casa maltrapilho. Mas se aceitar-me, querida Natali, estarei esperando na multidão, e desta vez, mendigando por teu amor”.

Correu e aprontou-se para sair. Precisava encontra-lo. Beijá-lo, sem explicação ao mundo.

Ela abriu a porta e o viu prostrado carregando um ramalhete de flores. Elegante, cheiroso. O homem mais bonito que ela já viu em toda a vida.

E quando tirou o chapéu, sorriu timidamente enquanto ela chorava com os refletores do palco na última cena de amor.



## Metamorfose

*Nilmara Tomazji*

“O amor acaba com o respeito” - certa vez me disse.

“Talvez não seja assim” - pensei.

Queria ter uma resposta pronta e curta, mas fui pega de surpresa.

Não é o amor que acaba com o respeito, são as pessoas que fazem coisas inusitadas. Agem como se o simples amar autorizasse invadir o espaço alheio. Quem te deixou entrar na minha vida sem pedir se eu queria e sem perguntar se eu saberia lidar com isso?

O amor não faz com que se perca o respeito. É muito pior. Ele não avisa quando ou para quem vai aparecer, chega do nada e faz as pessoas reinventarem vidas inteiras. É horrível quando se perde a noção de realidade achando que amar é sinônimo de ser amado. Nada a ver. Ninguém deveria mudar os planos até ter um aval de todas as partes envolvidas.

Se existe reciprocidade, a situação piora. Vira uma calamidade quase pública porque há mais de uma pessoa amando. Mais de uma ferida aberta. Mais perguntas. Mais incerteza sobre o futuro. Mais coisas inusitadas e desrespeitosas para serem feitas em nome do amor, coitado. Tudo em dobro, triplo, multiplicado por quantas pessoas forem! O amor não acaba só com o respeito, ele acaba com tudo. Todas as verdades do mundo podem ser contestadas por alguém que ama.

Uma vez cheguei a pensar que era apego, então abri a gaiola e deixei que meu amor partisse. Pensei que estava livre

daquele sentimento que vivia preso e me incomodando... Até enxergar que não havia cura para a ferida que ele deixou.

\*\*\*

Eu tinha um amor. Guardava-o em mim, bem escondido, enjaulado como bicho. Eu trancava a gaiola para que ele nunca aparecesse pra ninguém além de mim. Foi assim por muito tempo. Às vezes, ele batia nas paredes e me machucava, gritava pedindo pra sair, mas eu não deixava. Mandava-o ficar em silêncio e então ele doía. Amava tanto e tão secretamente que nem vi o momento exato em que o monstro saiu do cativeiro.

\*

Tirei um tempo para organizar a vida. Mudei de cidade, conheci pessoas novas. Arrumei outro emprego, pensei e calculei tudo. Tinha um mapa mental com todos os meus planos organizados. Só que nesses planos não havia nenhum lugar para o meu amor, então decidi matá-lo.

Fui até a gaiola com uma adaga em punho, mas quando cheguei, ele não estava lá. Inicialmente senti alívio, depois me dei conta de que precisava encontrá-lo. Ele não tinha por onde fugir. Inspecionei os lugares mais recônditos dentro de mim, sem sucesso. Quando desisti de procurá-lo, encontrei. Havia tempos que ele já não se escondia. Transformara-se num monstro gigante que não cabia mais em mim. No momento em que o vi, tive certeza de que precisava matá-lo antes que me dominasse.

Por saber da sua força, não gritei. Não mandei se recolher. Não fiz absolutamente nada. Eu, rinoceronte desastrado, barulhenta e surtada, passei a viver em silêncio, abaixando a cabeça e evitando encontros. Se eu desse qualquer oportunidade, o amor que eu enjalei me devoraria inteira. Passei a evitar os olhos das pessoas que me cercavam. Dizem que os olhos são o espelho da alma... Qualquer um que visse meus olhos, mesmo de relance, enxergaria o monstro-amor que me dominava.

Era já adulto quando chegamos ao ápice. A convivência ficou insuportável, porque ele precisava sair de mim, não era mais questão de simples querer. Usei todos os argumentos que tinha para convencê-lo a ficar escondido, são e salvo. Foi uma confusão porque nem eu sabia o que estava sentindo. Não tinha vontade de fazer nada, mas também não conseguia dormir. Em várias madrugadas de insônia, fui dilacerada inteira por um amor que não consegui controlar. Era tudo frio até o dia em que uma esperança de verão apareceu.

Uma manhã amarelada de sol me acordou, fazendo-me abrir os olhos para o lado de fora de mim. Nesse dia, tentei colocar os sentimentos em ordem e nós brigamos, meu amor e eu. Tanto sofri aprisionando-o que nesse dia decidi não lutar mais contra. Era puro egoísmo! Se eu não queria ser dominada, devia deixá-lo partir. A guerra já estava quase perdida, o monstro estava ficando aparente em meus olhos, gestos e palavras... Minha consciência sabia que se entregar ao monstro é ficar refém dele por tempo indeterminado, e eu não queria ser refém de um problema que eu criei. Tantas guerras em nome de amores que, às vezes, fazem mais mal do que bem... É nas pequenas felicidades desses amores que nos iludimos e perdemos tudo, inclusive o respeito.

\*

A semana da despedida foi a mais difícil. Não tive forças para matá-lo, então o expulsei. Estava exausta de lutar contra um amor com personalidade própria. A minha personalidade. Quanto mais esforços eu fazia para tirá-lo de mim, mais abria a ferida no meu peito. Quando percebi que lutava comigo mesma, ficou tudo claro. Entendi que nunca o mataria, então que partisse e fosse feliz. Eu viveria muito bem sem um amor que quebrou tudo em mim.

Tivemos várias despedidas doloridas. Choramos, sorrimos e, sem palavras, fomos nos entendendo. Eu tinha noção de que assim que ele sáisse por completo, nunca mais o veria. Passamos um período de corrosão em que, além de todo o esforço mental para não ouvi-lo sair, havia o cansaço físico de tudo que eu fazia para esquecê-lo. O mais interessante é que, nesses dias de despedida, não houve madrugadas em claro, nem dramas intermináveis a cada lembrança que cruzava o nosso, quase só meu, caminho.

Finalmente, chegou o dia da catarse. Meu monstro me transbordou e partiu. Criou asas, saiu de mim e voou para longe, deixando-me ferida e vazia. Eu senti que era um fantoche quando a pessoa que eu costumava amar me ligou. Onde estava todo o desespero, aquele desconforto que travava a língua e embrulhava o estômago? Eu nem perguntei o que a pessoa do outro lado da linha estava fazendo. Onde ou com quem estivesse já não me interessava mais.

Desliguei o telefone e senti um alívio estranho no peito. Um orgulho imenso de conseguir ser eu novamente. Gostei de atender ao telefone e não sentir aquela euforia

retardada e avassaladora que passava por cima de qualquer pensamento sensato. É nessas horas que, sem perceber, ultrapassamos o limite do respeito.

\*\*\*

O primeiro reencontro, algum tempo depois do telefonema, foi num final de tarde em um bar. A minha ferida já tinha mais ou menos cicatrizado, quando me permiti encontrar a pessoa não mais amada novamente.

— Você está diferente.

— Que bom que reparou.

\*

O segundo reencontro foi na saída da faculdade. Eu conhecia muito bem aquele olhar que tantas vezes me desarmou. Só que dessa vez meu chão não desapareceu. O mundo continuava igual, nada cor-de-rosa, tudo em seu devido lugar. Conversamos sobre coisas do universo e ele reparou que eu não estava apenas diferente. Os dias em que não falamos foram todos destinados à minha metamorfose. Notei que conversávamos melhor e sentíamos mais prazer em estar junto. O não-amor era recíproco e mais saudável.

\*

No terceiro reencontro depois do telefonema, uma resposta que eu não procurava. Por algum motivo, ficamos a sós. Comecei a sentir um desconforto familiar. De repente, a nostalgia daquele velho amor que eu escondi, quis matar e expulsei de mim. O dia amanheceu e o desconforto continuou ali, só que agora o sentimento não tentava me controlar. Olhei saudosa para dentro de mim procurando vestígios do meu amor. Passara por ali à noite, eu tinha certeza!

Mas meu templo estava em ordem. Nada quebrado, nenhuma ferida sangrando, meus planos todos no lugar... Senti saudade e quase fiquei triste. Nostálgica, abri os olhos para fora e observei a pessoa que dormia ao meu lado na cama. O que se passava dentro dela? Um barulho estranho interrompeu meu pensamento. Voltei para dentro de mim e vi uma fênix imponente. Ela sabia onde estava. Reconhecia sua casa com cuidado para não derrubar nem quebrar nada.

Entorpecido de felicidade, meu coração pulsou acelerado. Que bom que coração não fala... Lágrimas brotaram de meus olhos fechados. Sem abri-los, abracei a pessoa adormecida. Não era qualquer pessoa, era ele, o motivo de tudo. Com muita calma, nossas fênix se aninharam e tudo se normalizou. O coração desacelerou e o sono finalmente me invadiu. Nesse dia, eu entendi que não nasci pra ser gaiola. No lugar daquela feia cicatriz, construí uma janela sem fechaduras. Acho que se todo mundo construísse janelas, ninguém perderia o respeito.

Em algum momento da noite eu virei ninho. E meu amor agora é livre.

## Almas que se amam

*Edib Longo*

Uma chuva repentina de verão começou a cair e fiquei debaixo da cobertura de um prédio. Estava atrasada para um compromisso e como sempre acontece nestas ocasiões, nenhum táxi à vista. Aproveitei para repassar na memória alguns dados que iria discutir com o cliente. Estava na nova empresa há apenas uma semana e fiquei gelada por dentro. Que azar!

A chuva ficou mais forte e como sempre os bueiros deviam estar lotados de sujeiras, pois a água estava se acumulando. Senti os pés úmidos. Os meus sapatos pareciam dois patinhos numa lagoa. A estas alturas já estava entrevedo o desastre que seria o meu dia, quando ouvi:

— Quer uma carona?

Um rapaz em um táxi abriu delicadamente a porta e nem vacilei.

— Que alívio! Obrigada mesmo. Já estava morrendo de medo. A gente vê tanta história de enchentes que... Nossa! Como conseguiu este táxi?

— Sou Marcelo, prazer. Não poderia deixar uma pessoa tão linda morrer afogada numa tarde de verão e, como estava distraída, peguei o táxi primeiro.

— Sou Marcela, prazer. Estou numa enrascada. Perdi o meu compromisso e provavelmente o emprego.

Ele era adorável. Lindo, meigo, fluente para falar. Uns olhos honestos e bons mostrando que lá dentro existia uma alma boa.

— Bom, já que perdeu o seu compromisso, que tal tomarmos um bom conhaque para não perder também a saúde? Está toda molhada.

— Que coincidência termos o mesmo nome, não? Acho que um conhaque vai bem. Obrigada.

Marcelo era bonito, culto, inteligente e sabia contar uma piada como ninguém. Claro que não tomamos apenas um conhaque, tomamos vários. Quando a chuva finalmente parou, levantou-se e me convidou para jantar. Pegamos outro táxi e ele me deixou em casa. Voltaria às vinte horas para sairmos.

Bem, aconteceu o inevitável. Passamos a nos encontrar todos os dias. Íamos aos teatros, cinemas, museus. Cada final de semana, ele arranjava algo novo para a gente fazer. Quando não telefonava, eu sentia um aperto no peito. Era uma mescla de sentimentos. Não era amor, não era paixão, não era nada definível. Apenas sentia a falta de sua voz, de sua presença, de seu sorriso.

Estávamos juntos há seis meses e ainda não tínhamos encontrado o tônus certo do nosso relacionamento. O sexo não era bom. Eu só queria a presença dele, mais nada. Quando me tocava, eu me arrepiava toda, mas era algo desconfortável. Na verdade, nunca me afinei muito com o sexo oposto. Saí recentemente de um relacionamento não muito ortodoxo.

Eu tinha acabado de entrar na Universidade e, como qualquer pessoa que está num ambiente novo, sentia-me meio perdida. Em minha classe, a maioria dos alunos era homem. Sentia-me uma baleia afogada em areia.

Fui à lanchonete e fiquei observando os estudantes. Quando pedi a conta, o garçom me disse que tinha sido paga. Isso se repetiu no dia seguinte. Fiquei irritada e exigi que me dissesse quem havia pagado. Uma moça linda se aproximou:



— Olá, fui eu.

— Por quê?

— Estamos na mesma classe e acho que poderíamos ficar amigas, pois somos as únicas mulheres. Que acha?

— Não sabia que amizade agora se compra. Por que acha que eu não poderia pagar a minha própria comida?

— Desculpe, quis apenas ser...

— Por favor, senhor, devolva a ela tanto o valor de ontem quanto o de hoje.

Saí fumegando. Agora parecia um dragão com medo do São Jorge. Aonde eu ia, aquele rosto lindo de mulher me perseguia. Senti pena por tê-la tratado tão mal. Devia estar tão carente quanto eu por companhia. E como adoro me sentir como um animal, agora me sentia uma borboleta querendo sair do casulo.

No dia seguinte, procurei-a para pedir desculpa. E assim, Miranda entrou em minha vida. Ficamos superamigas. Um dia, fui ao seu apartamento para fazer um trabalho e quando cheguei, ela havia saído do banheiro. Estava linda com os cabelos molhados, com apenas um roupão por cima.

Ela me mostrou a pesquisa que tinha feito e eu só ficava imaginando o que tinha por baixo daquele roupão. Uma hora não resisti e a beijei. Ela se entregou inteira. Então, percebi porque os homens não me atraíam.

Desde pequena eu adorava as roupas de meu pai. Sempre me identifiquei mais com ele do que com minha mãe. Nunca mexi nas roupas ou maquiagens dela. Quando adolesci, usava as jaquetas dele. Meu pai sempre foi motoqueiro e quando fiz dezoito anos, ao invés de um carro preferi uma moto, desde que viesse acompanhada de uma bela jaqueta de couro.

Bem, tive alguns namorados, mas o sexo nunca era igual como quando eu estava com a Miranda. Ela morria de ciúmes, mas comecei a namorar homens para ver se a “doença” passava. Não queria decepcionar os meus pais. Nunca assumi esse lado, mas sinto que é o meu lado.

Agora estava completamente confusa. Eu e a Miranda ficamos juntas os últimos quatro anos. Terminamos, porque ela foi para o exterior e não pude ir por motivos de trabalho. É o grande amor da minha vida.

Mas, como explicar agora a falta que o Marcelo me faz? Por que sinto tanto se não gosto do sexo com ele? Às vezes, ele não aparecia e eu ficava trancada ouvindo repetidamente o CD do Djavan que ele me deu de Natal. Quando o telefone tocava o meu coração acelerava. Ficava louca de raiva quando ele se atrasava para irmos a algum lugar.

— Por que não veio mais cedo?

— Estive ocupado. Vamos fazer alguma coisa?

— Por que está com essa cara? Estou achando você estranho. Quer um uísque? Podemos ficar aqui e eu faço um jantarzinho, que tal?

— Xarazinha, precisamos conversar. Sabe, acho que a gente devia se casar. Eu tenho um bom emprego, mas preciso ter uma família para conseguir uma promoção, acredita?

— Casar?!

— No meu ramo, uma família é fundamental e confesso que se eu tiver que casar, só farei isso se for com você.

— Adoro você Marcelo, mas... casar?!

— Deixe-me falar tudo de uma vez, senão não vou ter coragem de contar o principal. A empresa está propondo que eu

vá para o escritório de Johannesburgo, na África do Sul. Acha fundamental que eu tenha uma família e... sabe, tenho...

— Fala!

— Mas... tenho que esclarecer uma questão também fundamental: eu sou homossexual. Acabo de vir de um encontro com Jonas, um namorado que tenho há uns dois anos. Pronto, falei. Quer casar comigo?

— Xará, percebe o absurdo que está me pedindo? Meu Deus!

— Não sei se Deus tem alguma coisa a ver com isso, mas muito cedo eu percebi que minha opção sexual seria essa. Quando comentei com meus pais, eles me apoiaram, mas ficaram tristes, pois conhecem as objeções e preconceitos que a sociedade nos impõe. Deixaram claro, desde o início que só se importavam com minha felicidade. Pediram-me apenas para ser discreto com meus relacionamentos. Jonas frequenta a casa deles e jamais nós os constrangemos com quaisquer atitudes. Somos apenas dois homens que se amam.

Não aguentei e dei uma tremenda gargalhada. Então, era por isso que ele chegava quase sempre tarde. Coitado, devia arrumar alguma desculpa para o Jonas também quando estava comigo. Que coisa essa coisa de sexo! E no nosso caso, era uma obrigação. Abracei-o e beijei o rosto, as mãos, a boca, os olhos.

— Não está brava? E então, o que me diz?

— Por que não me disse antes? Ficamos ambos sofrendo sem a mínima necessidade. Bem, esse novo emprego em que estou é uma droga. Você disse Johannesburgo? Deve ser interessante. Faça qualquer coisa só não quero perder você, mas também preciso confessar uma coisa: adoro mulheres.

Agora foi ele quem gargalhou. Deitamos no chão e ficamos agarradinhos, discutindo como seria nossa vida lá na África. Como seria a nossa casa, como seriam os nossos meios sociais e...

— Quer filhos?

— Será que podemos ter?

— Xarazinha, eu sou *gay*, não sou estéril! Antes do meu pedido, fiz até um exame. E você é a pessoa que mais amo no mundo. Não consigo entender isso. Não suporto a ideia de ficar sem você e, no entanto, só quero sexo com o Jonas, mas não o amo como amo você. E já que posso viver sem ele e não sem você, despedimo-nos há pouco. Acho que é o seu sabor de chuva que ficou em mim naquela tarde de verão. Só pode ser isso. Olha aqui, gosta do anel?

— Mas você é incorrigível! Como sabia que eu ia aceitar uma coisa dessas?

— Conheço você mais do que a mim mesmo. E se não aceitasse, mesmo assim eu lhe daria o anel. Adoro conversar com você; adoro seu cheiro; adoro quando lemos juntos o mesmo livro, adoro quando ficamos só abraçadinhos como agora. É como se você fosse o aconchego para onde quero voltar no final de um dia de trabalho.

— Serei mais do que isso: serei a confidente de suas paixões, a ouvinte de seus problemas e continuaremos amigos através de nossos filhos. Cuidaremos deles e cada um de nós cuidará de todos. Seremos a família Mosqueteiro.

\*\*\*

O nosso casamento foi lindo. Meus pais estavam radiantes. Meus sogros mais ainda. O filho finalmente tinha se encontrado. Só não entenderam direito porque o Jonas e minha amiga Miranda, que foram os padrinhos, estavam tão felizes. Eram boas pessoas e acharam interessante o fato de poderem ir de férias para nossa casa e partilharem conosco de nossas vidas.

Fizemos um acordo que poderíamos ter a vida sexual fora do casamento com outros, desde que claro, fôssemos discretos, principalmente diante das crianças que seriam três: Manuel, João e Maria. A nossa historinha infantil. Além dos nomes iguais, éramos filhos únicos. Apenas transariamos para ter os filhos. Esse segredo nos uniu mais ainda. Eu já me sentia grávida de humanidade.

Enquanto ia feliz de mãos dadas com meu pai pela nave da Igreja, fiquei pensando na hipocrisia disso tudo. A Igreja não condenava o aborto? Não condenava a camisinha? Então, estamos dentro dos conformes. Faríamos sexo apenas para a procriação. Meu Deus, que sabor tem a vida, que delícia!

Filhos eram tudo o que eu mais queria e temia nunca poder tê-los de forma natural. Um dia antes de viajarmos, liguei à Clínica de Inseminação onde guardaria alguns óvulos e cancelei exultante a consulta. Não parava de agradecer aos céus por tanta felicidade.

Afinal, a nossa história era única... Éramos apenas duas almas que se amavam como os anjos...

Assexuadamente.

## Cativas

*Márcio Fernando Silveira*

Minha avó relutava! Não ignorava que deveria deixar o cativo, e o momento de despojar-se de seu velho corpo havia chegado. Porém, o amor a segurava. O amor de seus filhos e dos filhos de seus filhos, desde o mais velho até o de mais tenra idade. Laços fortes, laços de amor.

Tanto tempo se passou e eu ainda recorro exatamente o momento de sua partida. Raras vezes fiquei tão emocionada em toda vida.

Turvo se fazia aquele dia, até chovia, e lá estava eu, ao seu lado, com uma de suas mãos entre as minhas. E quando não havia mais possibilidades de permanência, eu assisti a um brilho de missão cumprida em seu último e mais profundo olhar. Foi como se com aquela luminosidade toda, ela estivesse me dizendo:

— Agora não posso mais adiar! Chegou minha hora, Izabel. Cumpri o meu destino. Parto para uma nova etapa. Até um dia!

Em pouco tempo espalhava-se a notícia que ninguém desejava ouvir.

Apesar de triste pela separação, eu recordava os ensinamentos que vovó me transmitiu por toda a nossa coexistência. Aprendi que essa lamentada partida pode ser o maior dos galardões. O prenúncio de uma cura, a iminência de uma vida futura. Com sua convivência aprendi a não encarar a vida ou a morte como um túnel escuro.

E as orações se multiplicavam.

Avistei minha mãe em prantos. Porém, o amor a consolava. O amor de seus filhos e de seus netos. Ainda havia muitos motivos para continuar.

E eis que o sol voltou a raiar no amanhecer seguinte. Uma nova aurora surgia, e ao checar o exame feito, constatei o que já imaginava, eu estava grávida. O célere tempo logo trouxe minhas filhas: sim, eram gêmeas. Em período tão curto fiquei maravilhada com as nuances de nossa existência. Enquanto uma pessoa há pouco ganhava a liberdade, novas cativas soluçavam aqui pela primeira vez. Pensando nisto tudo, os nomes escolhidos para minhas pequenas foram Maravilha e Aurora. O tempo delas começava a ser contado.

Refleti sobre como esse tempo passa ligeiro. Lembrei-me ainda mais disso quando chegou o momento de minha mãe ganhar a alforria. Assim como minha avó, ela também esgotou seus dias terrenos após ter vencido grandes obstáculos impostos ao longo dos anos de expiação. E o brilho no olhar também marcou a sua mudança de estágio. Despojou-se do corpo, mas levou consigo o carinho de meu beijo.

Sofri! Contudo, o amor de meus descendentes, assim como aconteceu antes, foi o que me ajudou a prosseguir e a suportar tanta saudade.

Ah! Minha avó, minha mãe e também minhas tias, sempre foram fortes, guerreiras e preparadas: as mulheres de minha família.

Não posso dizer que seja mera coincidência eu estar relembando, ou melhor, revivendo tudo isso neste instante. Bem agora, momento em que penetro no fundo do olhar de minha neta ao meu lado. No reflexo de seus olhos, vejo meus olhos brilharem.

## Desencontrados amores

*Paulo Luís Ferreira*

Tornara-se irritante a insistência de Bebeto para sair com Júlia: “Hoje não dá, tenho compromisso, amanhã não posso... Depois de amanhã não sei, me liga... Quem sabe... Outro dia talvez... Quando puder. Oquei, ligue”.

Era sempre assim. E desligava o telefone em sua cara. Passava o dia irritada. Ele não entendia que ela não gostava dos telefonemas. Menos ainda de sair com ele para jantar, ir ao cinema, passear; namorar nem pensar!

Principalmente nestes últimos dias em que não tirava o Romeu do pensamento. E hoje era o seu primeiro encontro com ele, a sós. Que, por descuido, nem notara, já passava das oito e meia e ele não chegava. Na tevê, a novela não era motivo de atenção. A cada comercial ia até a janela e procurava lá embaixo, na frente do prédio, o carro prata de Romeu. Se não o via, corria até a área de serviço e dava uma olhada na rua lateral. Voltava para a sala, já meio aborrecida. O telefone tocou:

— Alô!... – era o Bebeto –. Olha Júlia, eu prefiro que você me ligue. Eu não quero te aborrecer...

— Tá, tá bom, eu ligo. – desligou –. Cacete! Como enche o saco esse cara.

Carros zumbiam lá fora. Foi até a janela. Não, nenhum dos carros era igual ao do Romeu. Voltou à televisão. Deu um giro pelos canais. Desligou. Preferiu o silêncio. Foi até o banheiro. Observou-se atentamente no espelho. Quis dizer-lhe alguma coisa, mas nada disse. Melhorou o batom. Retocou a sombra dos olhos e avivou a lápis os contornos. Enfiou os



dedos por entre os cabelos, afofou com as mãos, balançou a cabeça desmanchando o que havia feito. Parou de se mexer. Refletiu um instante, forçando o pensar, como a atender reflexos de uma mente que não tinha esse hábito: “E se nós continuássemos a crescer todo nosso corpo, e assim como os cabelos, as unhas, crescesse também o nariz, a boca, as orelhas, o pescoço?... Como seríamos?... Eu continuaria sendo eu mesma?...”. Desanuviou esses pensamentos existenciais e filosóficos, que não era de seu feitio viver nesse oco. Ela expõe apenas a existência de um mundo onde não há o eterno retorno, mas o substancial, o trivial do simples viver.

Decidiu tirar o batom vinho. Passou um encarnado carmesim, sentia-se mais fatal: “Mais ao gosto de Romeu” – pensou ela. – Voltou à janela. Nada. “Pode ter havido um engano no horário combinado – admitiu –, ou vai ver quer chegar atrasado de propósito para causar um suspense”.

Mas já passava das nove e vinte. “Tá pensando que sou boba! Vou esperar mais uns quinze minutos, se não aparecer saio sozinha. Aí sim!... Quero ver chegar e não me encontrar, dar com a cara na porta”.

Tocou a campainha. Era o porteiro com um buquê. Extasiada com as luzes que refletiam o verde e o amarelo das flores, numa ansiedade sem medidas, abriu o envelope do cartão, rasgando-o. Estava escrito em elegante manuscrito:

*“São Nenúfares de Paris colhidos das telas de Monet,  
para ti, Júlia. De quem espera a leveza do teu ser.”*

*Bebeto*

Arrumou o ramalhete em um vaso sobre a cômoda. Meio com gosto, meio a contragosto. Não estava se sentindo. Ficou confusa. Para sair do embaraço, religou a tevê. Passava

um bague-bague. Desligou. Da janela, viu dois homens brigando por uma mulher. Imaginou-se no lugar dela, onde os homens representavam Romeu e Beбето. Na rua, ganhou Romeu. Na vida, porém, perdia ela.

Já eram quase dez horas, pensou em ligar para ele. “Seria demonstrar fraqueza... Estava pensando o quê? Não iria se rebaixar tanto assim, era o mesmo que estar se oferecendo”. Ligou o som, pôs um CD numa música que gostava muito, *“Ainda Bem” com Marisa Monte*. Num lapso da memória lembrou-se de uma frase pichada em um muro de Buenos Aires, quando lá estivera de férias, que dizia: *“Se amas alguém, deixe-o em liberdade. Se ele voltar, foi porque precisou. Se ele não voltar foi porque precisou.”*

O telefone tocou. Era uma amiga convidando-a para dar uma passada em um barzinho. Recusou com uma desculpa esfarrapada e desligou rapidamente. Podia ser que o Romeu ligasse, desculpando-se pelo atraso. Deu mais uma olhada pela janela, voltou-se para dentro, fechando-a. Puxou a cortina. Desligou o som. Chegou próximo ao telefone, levantou o fone do gancho. Pensou um pouco, como a meditar no que falar caso fosse atendida. Teclou. Esperou até a sexta chamada. Não suportou a ansiedade. Desligou. “Ele já deve ter saído” – disse para si.

Apagou a luz da sala e voltou à janela, abriu apenas uma banda. Com a luz apagada, ficou por uns quinze minutos olhando o movimento das ruas. Lembrou-se do dia em que, no trabalho, encostou-se no ombro de Romeu e sentiu seu calor. E que não nega: se excitou.

Carros brancos, azuis, prateados e vermelhos passavam, paravam, iam embora. “Será que eu liguei errado?” Ligou outra vez tomando o cuidado com cada número que

teclava para não errar de novo. Prendeu a respiração, escutando as chamadas do outro lado da linha.

— Alô, o Romeu está?

— Romeu?... Você ligou errado, queridinha! – respondeu uma voz de mulher.

Num repente, lembrou-se do celular: “Que idiota!... Como pode ter se esquecido de coisa tão óbvia!...”. Com os nervos à flor da pele, havia se enganado na digitação; ligou de novo. Agora tinha certeza de não ter errado.

Aguardou impaciente. Uma voz metálica de computador vibrou: “*Neste momento este aparelho encontra-se fora de área*”.

“O desgraçado não lembrou nem de desligar. Se não ele ia ouvir o tanto de desaforo que ia esbravejar... Ou será que ele esquecera-se do encontro?”.

Eram onze horas, quando mais uma vez foi à janela. Voltou para o sofá. Faltavam vinte e cinco minutos para a meia-noite. O telefone tocou – “trimm...” – Assustando-a. Atendeu. Era o Romeu desculpando-se pela falta. Estava fazendo um serviço de emergência numa cidade vizinha e seria impossível se encontrarem naquela noite.

— Fica para outra vez, queridinha! – disse a mesma voz de mulher, na extensão.

Agitada e um tanto indignada procurou na bolsa onde tinha anotado o telefone do Bebeto. Ligou.

— O Bebeto está? – falou numa voz trêmula.

— O Bebeto não está, saiu.

— Saiu com quem?... Quem está falando?

— É a mãe dele... Ele saiu com uma moça que há muito insistia em sair com ele, como ele tomou um fora de outra moça que... então... – desligou, batendo o gancho.

— Desgraçados! Homens são todos iguais – ligou para a amiga Mara: — Oi, sou eu, Júlia!... Vamos sair?... Tô a fim de tomar um porre...

## Amálgama de dois corpos

*Gisele Martins Ferreira*

O ambiente tempestivo de outrora, agora se encontra em pleno silêncio. A presença de duas pessoas do sexo oposto, já cativadas mutuamente, exige, agora que estão frente a frente, discutir os próximos passos. A conversa fora iniciada e tão logo as palavras foram substituídas pela ação e o desejo improvável, sobretudo pelo lugar em que o cenário foi construído.

A troca de olhares tomou vulto. Ele a toca. Abraçando-a, pela primeira vez sente o calor de seu corpo feminino. Os corpos se encaixam perfeitamente, como se fossem parte de um todo partido ao meio por capricho de algum deus maldoso. Ela olha envergonhada, confusa de seus sentimentos e sensações. Sem saber o que fazer, decide desviar o olhar, fugir de seu constrangimento.

Vendo a timidez da bela mulher que, apesar de todas as suas primaveras, comporta-se nesse momento como uma menina donzela se autodescobrindo como se fosse a primeira vez, o rapaz se encanta e pensa como poderia conquistar aquela terra desconhecida e fascinante, presente no pudor da sua musa.

Ao tocar a tez macia e suave da face da moça, não há como evitar a vontade de beijá-la. Um beijo suave e tímido começa a se formar entre os lábios sedentos dos dois amantes. Ao perceber a investida da língua à procura de sabor, a garota não tem outra opção a não ser se entregar ao beijo lascivo e repleto de anseios.

As palavras e vozes já não mais existem. Em seu lugar, suspiros sedentos e uma vontade louca e incondicional de se amarem tomam forma. Olhares compenetrados e fervorosos beijos dão espaço para carícias plenas. Não há restrições, o sentimento se torna cada vez mais constante e as investidas do rapaz na doce menina são acolhidas por ela com carinho.

É chegado o momento de ver o que os corpos revelam. Desnudados os ombros, cada beijo dado desperta na delicada mulher um arrepio incontido e, na medida em que as mãos do rapaz acariciam seu corpo com maestria, muitos impasses são superados. Tentando chegar a partes de tamanha perfeição da natureza, com as costas das mãos, ele desliza sobre o busto dela carinhosamente. Seu primeiro gesto de aprofundamento íntimo. Sem resistir, a moça aceita a carícia e se entrega ao rapaz que, desnudando a formosura contida na superior peça íntima, lança para fora com entusiasmo os já macios e enrijecidos seios para o deleite homérico.

Entre eles agora, há uma respiração ofegante do rapaz, que arranca tremores do corpo dela que o abraça fortemente, aninhando-se em seu peito, que evidencia a amálgama de seu perfume com paixão.

A moça acaricia o rosto dele, a cada movimento feito em seu busto. As mãos percorrem os corpos e no exato momento, ao passar pelo tórax, o rapaz segura firmemente em sua anca enquanto a beija cada vez com mais vontade.

Entre subidas e descidas das mãos fortes na macia coxa, uma região é especialmente o alvo da investida. Um lugar que habita os mais profundos dos prazeres. Já quase no ponto, outra roupa íntima deve ser retirada, mas não sem antes de ele se precaver se é o momento oportuno. A região está quente, úmida e sedenta por uma exploração minuciosa e delicada. Ela se deita aceitando o convite para que a liberte do veto que há

entre as carícias e o desejo. Delicadamente, o rapaz com as duas mãos removendo de sua cintura o veto que os separa. Ela eleva seu corpo aceitando o livramento e é revelada a ele aquela pequena, porém notável região quente e úmida. O rapaz se distancia. Desnuda-se. Observa o desenho das curvas femininas à meia-luz. Uma cadeia de montanhas a ser explorada. Ele toca suavemente a cordilheira. Percorrendo cada cume e vale encontrado pelo caminho.

Ela tem arrepios, porém nenhuma brisa perpassa o cômodo. Os tremores involuntários desvelam o profundo desejo de ser tocada e possuída pelo amante. Deitando-se sobre ela, ele separa suas pernas com suavidade. Os corpos são complementares. Novos tremores percorrem o corpo quando a moça percebe o toque do membro rígido do rapaz em sua intimidade. O homem não pôde conter a vontade de sentir mais de perto o sabor contido na úmida região. A cada carícia no local, evidentes suspiros emanam da mulher, que sedenta por mais, direciona com capricho os lugares mais estimulantes a serem explorados. As mãos percorrendo sua região secreta, estimulando a vontade de sentir o membro adentrando em seu corpo, fazendo dos dois um só. Tomada por desejo, a mulher permite ser penetrada.

Carinhosamente ele se coloca no interior de sua desejada. A inquietude do ímpeto o faz querer conhecer cada parte do íntimo da parceira. Ele desliza o membro com delicadeza. Contudo, não é suficiente para a parceira. Ela, já possuída por furor carnal, deseja mais. Seu quadril voraz remexe ritmado, intensificando o vigor da dança. O momento é único e compenetrado no íntimo: suor, gemidos e a unificação dos corpos, contextualizando a cena de forma incrível.

Já não existem mais entraves entre eles. Ela segura os quadris do amante, forçando a penetrá-la profunda e Intensamente. Sentindo o prazer que só o homem amado pode dar, é tomada por uma vibração acalorada que se inicia no seu pudor e irradia por todo seu corpo. Um gemido de prazer inebriante chega aos ouvidos do amante.

Os frenéticos movimentos dos amantes são tão inexplicáveis quanto a dança dos astros no Universo. Cada vez que o rapaz olha para a menina, é despertado um sentimento único e inextricavelmente difícil de ser esquecido.

A sensualidade da moça cativa os anseios do rapaz que tenta conduzir seus pensamentos com o intuito de congelar, nem que seja por aquele instante, o tempo.

Tamanha faceta em um ambiente improvável, guarda agora entre suas paredes a observação secreta de dois corpos sedentos por prazer.

Tudo perfeito.

A meia-luz foi coadjuvante dos dois. É a linda menina, a protagonista da beleza contida em seus gestos e corpo, entregue ao rapaz.

A intensidade da relação incendeia os amantes, que neste momento tornam-se um em uma explosão de prazer intenso. Gemidos e suspiros preenchem o ar, enquanto suor e secreções percorrem a pele. Êxtase íntimo do casal que há muito sonhava em se conhecer verdadeiramente.

Tendo ambos se permitido compartilhar de uma intensa satisfação íntima, o deleite simultâneo percorreu aqueles corpos. A ideia foi posta em prática, sem deixar vestígios de culpa. Aquele momento foi único e feito com toda a sutileza que lhe cabia. Poderia ser tirada qualquer coisa



daqueles amantes, menos a certeza de que o tempo parou para assistir à sensualidade intrínseca naquele casal.

## O amor acontece quando menos se espera

*Giórgia Neiva*

Quando entrou na adolescência, Vera Lúcia se aproximou de Júlio César – o menino mais bonito e gentil da sétima série. Júlio era calado, muito quieto, mas sorria sempre que avistava Vera caminhando ao seu encontro nos corredores iluminados da escola. Com o tempo e proximidade, tornaram-se amigos. Ele se esforçava para estar sempre perto dela, mas a tratava como irmã: dava broncas quando necessário, bem como a fazia rir, secava suas lágrimas, carregava-a na garupa da bicicleta, dava carona para as matinês e festinhas do colégio e dizia querer ser amigo dela para sempre; o que significava dizer que queria manter a amizade para o resto de suas vidas.

Tudo parecia ser indício de sentimento recíproco e, por isso mesmo, Vera fantasiava aumentar o nível de intimidade com ele: queria mais, queria outros tipos de abraços, outros beijos e, de preferência, que fossem por todo seu corpo. Sonhava com cartas de amor, serenatas, muito sexo, alguns filhos, uma grande casa com seis quartos, um cachorro de guarda e um gato de estimação. E, quanto mais Júlio César a mimava, mais esse sentimento crescia.

Certa manhã de segunda-feira, Vera Lúcia não conseguia mais esconder para si o desejo que a consumia. Olhou-se no espelho enquanto se vestia para mais um dia de aula e admitiu-se apaixonada por Júlio, pois seus pensamentos eram todos dele e com ele. Devaneava-se em luxúrias mentais, quando deu conta que iria se atrasar para as aulas.

Correndo, Vera pegou um ônibus como de costume, chegou ao colégio e avistou uma cena que fez o tempo congelar: Júlio César estava abraçado com Sabrina, a

representante de turma da oitava série, mexendo nos longos cabelos castanhos dela, enquanto falava baixinho em seu ouvido.

Vera, quase de súbito, sentiu seu corpo gelado, estava em choque com o que via. Entrou em profunda melancolia e mal conseguia disfarçar a dor que bateu em seu peito. Foi um golpe tão duro que sentiu suas pernas estremecerem e adormecerem. Encostou-se a uma parede para não ir ao chão, todavia não segurou as lágrimas, essas caíram de verdade.

Sem conseguir entrar para a aula, Vera Lúcia caminhou desiludida até o ponto de ônibus e voltou para casa. Os dias seguiram sem cor para ela: chorava escondida da família, dormia chamando por Júlio César em seu quarto solitário e escuro, mal se alimentava, não queria mais ir para a escola e negava todos os convites para festas e baladas de suas amigas da vizinhança.

Depois de uma semana sem comparecer ao colégio, Vera recebeu a visita de Júlio, que estava preocupado com a saúde da inseparável amiga. Ele adentrou o quarto dela e ficou espantado com a figura que estava jogada na cama.

— Vera, o que houve com você? Não te vejo mais nas aulas, não atende mais aos meus telefonemas, você está bem?

Sem pensar duas vezes e vendo essa como uma grande oportunidade de pôr tudo para fora, Vera contou para ele seus planos: o desejo de ter uma casa rosa com Júlio, alguns filhos, cachorro e gato, flores e plantas no jardim.

Júlio César seguiu estupefato e boquiaberto, mas conseguiu formular uma frase que pulou de sua boca sem muita reflexão:

— Vera, você é minha melhor amiga...

— Eu te amo... — respondeu Vera, soletando, esperançosa, o que não podia mais prender dentro da boca, amarrado à garganta.

— Eu também te amo, mas como amiga, Vera... Eu estou namorando a Sabrina. Queria que vocês se conhecessem... — disse Júlio, sem querer decepcioná-la, porém colocando-a a par de seu romance com outra pessoa. Preferiu assim, afinal, era melhor que Vera soubesse por ele que seu coração já estava ocupado.

— Por favor, Júlio, vá embora — pediu Vera, sem conseguir tolerar o peso do que acabou de escutar do primeiro rapaz de quem já se aproximara na vida. Ela o amava, mas não mais do que a si própria.

— A gente ainda vai ser amigo, né? — perguntou Júlio César, apreensivo e com lágrimas nos olhos.

— Por favor... vá embora — ela estava com os sentimentos tão embaralhados que sequer era capaz de responder a essa pergunta.

Júlio, apesar de querer confortá-la, preferiu atender ao pedido da amiga e foi embora depressa, sem nem mesmo se despedir da mãe de Vera, que estava a caminho do quarto da filha com uma bandeja em mãos com lanche para servi-los.

Compreendendo o que achou ter acontecido, a mãe de Vera entrou em seu quarto após a partida de Júlio e disse-lhe:

— Não se arrependa, minha filha, pois tudo na vida serve de lição e de aprendizado para novas escolhas.

— Como a senhora sabe? — Vera, sem esconder o choro, perguntou para a mãe.

— Já passei por isso, querida. Todos nós passamos por isso em algum momento da vida, amar e não ser

correspondido. Ser amada e, às vezes, não corresponder também. Mas não se preocupe, pois o amor sempre surge quando não se espera.

As duas se abraçaram embaladas pela triste música produzida pelos soluços do choro de Vera. A mãe lhe deu colo e enxugou suas lágrimas num ato de amor, porque sabia que nesse momento sua filha precisava apenas de acolhimento e boa dose de compreensão. Nada mais do que isso.

— Mãe, será que essa dor vai passar? — Vera perguntou, descrente de que um dia iria conseguir esquecer Júlio César.

— Claro que vai e mais rápido do que imagina — experiente, a mãe de Vera sorriu.

Depois de poucos dias de volta à escola, Vera notou-se desencantada por Júlio. Além da decepção de vê-lo com uma namorada, apareceu um novo rapaz transferido de outro colégio que chamou sua atenção. Dessa vez não se enganou, sabia que era correspondida, especialmente pela troca de olhares entre os dois. A química surgiu imediatamente, o coração de Vera pulsava tão forte quando o via que mais parecia pular de alegria e, a cada sorriso trocado, no estômago surgiam borboletas esperançosas por reciprocidade.

Em um dia normal de aula, o novo rapaz puxou uma cadeira e sentou-se ao seu lado. Vera sentiu o perfume dele mais próximo ao seu olfato e ele exalava um cheiro de paixão, de desejo e de amor. O mundo voltou a mover-se para ela. Na verdade, o mundo voltou a ter cor, estava mais colorido e bonito. Ela percebeu que sua mãe tinha razão, pois a dor passou mais rápido do que ela imaginara...

## A incrível história de amor dos meus pais

*Leverton José Veríssimo Vieira*

Certa vez, lembro-me bem desse dia de minha infância querida, minha mãe e eu saímos para passear pelo sítio em que morávamos. Ah, me lembro daquele lugar: cheio de árvores altas, um gramado verde e havia um lago ao final de uma ladeira e rodeando-o, um pequeno bosque. Nessa tarde de primavera, minha mãe e eu nos sentamos no gramado e passamos a observar as nuvens brancas lá no céu.

— Mãe, como foi que você conheceu meu pai?

Ela sorriu, havia rugas no canto de seus olhos, as raízes de seu cabelo estavam começando a branquear, mas vi, de lampejo, passar em seu rosto já maduro, aquela inquietude e travessura típica da adolescência, aquele brilho jovial passou em seus olhos, que vagaram para lembranças muito queridas.

— Foi depois da missa de domingo. Minha irmã e eu saímos dar uma volta na praça e ele estava lá, encostado em um fusca amarelo e me olhou sorrindo. Eu sorri de volta, tímida que era. Lembro bem, ele se aproximou e me cumprimentou, se apresentou – ela ajeitou o cabelo e deitou-se com a barriga para baixo ali na grama, parecia uma menina agora – e no outro domingo eu estava ansiosa para a missa acabar. Ele estava lá, não encostado no fusca amarelo como da última vez, mas na parede da igreja. Novamente me chamou para conversar. E foi assim que começamos a namorar, escondidos, depois das missas de domingo e exatamente às 21:30h nos despedíamos, antes que minha mãe nos visse.

Ela soltou um nostálgico suspiro:

— E quando ele me beijou pela primeira vez, eu achei que ia morrer! E no outro domingo, ele me trouxe um pacote de balas de mel. Lembro que fiz com que elas durassem por quase um mês e toda vez que colocava uma na boca, me sentia beijada novamente. E ele me pediu em namoro e pediu a bênção da minha mãe. E logo nos casamos.

Ela sorria ao me contar a história do início do romance entre ela e meu pai. E eu podia vê-los ali, jovens e cheios de sonhos. Engraçado, minha mãe e meu pai não viveram um grande romance cheio de reviravoltas. Conheceram-se na praça, depois da missa de domingo e ali na simplicidade encontraram o que mais procuravam. E ali, os dois sabiam de alguma forma, que o amor não é simples, mas está no simples, em pequenas coisas, como balas de mel, em um beijo, em uma tarde de primavera.

Eu olhei nos olhos cansados de minha mãe, vi o jeito que estavam marejados. E percebi que naquele domingo depois da missa, há muitos anos atrás, ela concretizou tudo o que mais sonhara.

## Sentimentalismo

*Marcelo Gomes Jorge Feres*

Chamarei sentimentalismo.

A esse meu estado de dor e de pranto e de sítio.

Chamarei, em brincadeira que faço,

Para ironizar esse meu cansaço.

Chamarei de bem e de amor e de Catarina,

E também à minha incapacidade de fazer calar essa minha vida,

Estranhamente sentida,

Poeticamente abalada,

Como se fincasse alicerces por uma estrada,

Alongada,

Perseguida,

Como se fosse o atraso da criança que engatinha,

Ou galope alado de pássaro de rapina,

Que descortina,

Coisas que,

Engrandecidas,

Tomam tamanho, tão pequeninas,

Ou vice-versa,

Onde,

Do mundo,

O absurdo da paixão que versa,



Em versos para ser entendido:

— Ah! pequenino...

Por que te perdes por puro sentimentalismo?!

## **Aquilo que eu sinto é amor?**

*Gabriela Rodrigues Ferreira da Silva*

Nas intervenções que tentei realizar,  
fiz a loucura de compreender  
o que era a chama que estava acesa em mim,  
aquilo que chamam de "amor".

Amor deve ser algo tão grande,  
tão assustador,  
tão... bonito  
que talvez seja o sonho que todo mundo busca,  
mesmo que seja segredo.

Amor deve ser parar de andar,  
para que os passos se alinhem,  
por poucos segundos,  
para que tenhamos certeza de que foi bom  
escolher não ficar só. Mas ficar.

Amor deve ser acordar nos dias chuvosos  
e ver a beleza em cada gota que cai,  
torcendo pra que a chuva continue o tempo  
que quiser. Sim, amor é chuva.

Amor é colecionar cada detalhe.

Amor deve ser se empenhar para se tornar melhor.

Melhor para nós mesmos.

Melhor resolvidos com nossos medos.

Nossas inseguranças.

Para que só reste lugar para admirar  
o crescimento de quem escolheu a gente.

Amor deve ser falar incessantemente por horas.

As horas essas de compreender as dores,  
as vontades, o respeito que cada palavra tem.

As horas que quanto mais ficam longas,  
mais agradecemos.

Amor deve ser achar lindo tudo o que tem pela frente.

Às vezes que nós nos perguntamos o porquê  
de ser de tal forma. Ou de não ser.

Às vezes em que tínhamos receio  
de ter algo tão precioso que nem sabíamos  
que tínhamos pra dar.

Amor é aprender a achar coisas boas aqui:  
dentro.

Amor deve ser encararmos os olhares.  
Os olhares que vimos pela primeira vez,  
que tentamos decifrar com a força total,  
que seja o mais tímido desses.  
Amar é ver além do que conseguimos.

Amar, nesse primeiro momento,  
é sentir uma parte sua levitar.  
Ir até o desconhecido.  
Um desconhecido  
que eu tenho (amor) pra conhecer.

## **Para um ingrato**

*Edson Amaro*

De teus beijos a lembrança  
Em meus lábios tatuada  
Qual saudade me vem mansa,  
Qual ausência vem pesada.

De teus olhos o castanho  
Em meu peito enraizado  
Espalha-se já tamanho  
Que mo tem despedaçado.

Amargo, lembro o sabor  
De teus beijos de fumante.  
Tatuaste-me o travor,  
Leviano amor andante.

## **Eu acredito no Amor!**

*Aldirene Máximo*

Eu acredito no Amor!

Tão sábio; tão puro; tão enigmático...

Eu acredito no Amor!

Semente plantada neste profundo coração...

Eu acredito no Amor!

Sentimento tão nobre e tão perfeito...

Eu acredito no Amor!

Razão dos meus sonhos hoje desabrochados...

Eu acredito no Amor!

Ele também acredita em mim...

Eu acredito no Amor!

(...)

## Vitral

*Letícia Maria Motta de Moraes*

Abro uma fresta no meu tempo  
para sorrir da tua boca calada  
que quanto mais cala  
tanto mais convida a minha a um beijo  
...essa tua boca silente...  
lábios pousados um sobre o outro  
oásis dos meus desejos  
portais para meus clarões

Abro uma fresta no meu tempo  
para sorrir desse teu olhar  
que me lê em preto e branco  
e que quanto mais se desvia  
tanto mais convida o meu à leitura do teu  
...esse teu olhar distante...  
vitral translúcido pousado em mim  
desenhando caleidoscópios  
na transparência do meu corpo.

## Amor Maior

*Julie Veiga*

Porquanto

Narrei às paredes

E também aos céus

Toda a ânsia

De sair de meu mundo

E ir até o fim do teu

Os pensamentos altívolos

Estão cirandando as nuvens

E suas esquinas

E seus recamos

Vibra, decerto, em meu peito

O todo dum amor imarcescível

Que carrego comigo

E que é teu

Tanto quanto meu

E teus olhos, tão castanhos

Também meus

Lavados de mel e luz

Brilhando mais que mil Sóis



Como me chamassem

E me envolvessem

- Silenciosamente -

Em interrogatórios

Que não poderia

Não posso redarguir

E, assim, vens

E me amas, em igualdade

Ganhando o meu amor todo

E o que de mais amor tenho

E, de mim, me escapa

Sem reproches

Engendrando um amor

Mais que imenso

Maior que a eternidade

*Tamara Castro*

O amor é raro narciso  
se mira ao espelho do lago  
embevecido e mudo

enquanto tudo  
são ecos de surdo sentido  
dedos de vento acariciam seus cachos  
e passam

## Passa-Passa

*Geraldo Trombin*

Passou estonteante,  
exuberante como uma flor,  
atiçando e arregalando olhares  
até do beija-flor.

Passou esvoaçante,  
sem nenhuma triga,  
dando asas  
àquele friozinho na barriga.

Passou exalando inebriante perfume,  
acendendo,  
sob o manto escuro da solidão,  
um forte lume!

Passou requebrando,  
requebrando...  
quebrando o meu coração:  
— Ei! Psiu! Psiuuuuuuuuuu!

O amor passou...  
e fez que não me viu!

## Jantar

*Felipe Messara Diniz e Silva*

Sentada na cama  
Olho o guarda-roupas, cheia de drama.  
Hoje vai acontecer  
Qual roupa escolher?  
Ele me espera,  
Ainda estou de pijama.

Uma lingerie provocante  
Um tanto excitante  
Na hora certa  
Vou mostrar meu lado amante.

Sapato, saia e blusa  
Alguém me ajuda?  
Tudo tem que combinar  
Nada pode me escapar

Vestido básico  
Brinco e colar  
Ganhei depois de formar  
Hoje vou usar.

Dúvida no ar...

Será que ele vai gostar?

Vamos nos amar

Tenho de me apressar

Ele me espera na sala de estar.

Estou pronta! Serei seu jantar.

## Amor às mil palavras

*Roque Aloisio Weschenfelder*

Cria termos novos,  
Poeta de **mil** faces.  
Encanta mulheres,  
Musas de **mil** matizes.  
Pernoita em albergues,  
Carente de **mil** companhias.  
Ama a todas as palavras.  
Ouidas de **mil** bocas...

Beija tantas bocas  
De palavras carinhosas.  
Enfeita seus versos  
Com metáforas **mil**.  
Despeja estrofes  
Nas redes sociais  
De seus **milhares** de amigos...

Na rua, seus bêbados,  
No céu, a lua companheira,  
E estrelas aos **milhões**,  
Mas nada o liberta

De todos os seus grilhões...

Enfrenta fome e sede,  
Deitado em sua rede,  
Ouvindo pássaros **mil**  
Que nem uma palavra vil  
Expressam em seu trinar...

O poeta das **mil** palavras  
Tem um amor sem fim.  
Ele o professa a você,  
E o declara a mim.

Por amor faz a poesia,  
E quando morrer, um dia,  
Na lápide quer escrito:  
Tudo que tenho dito  
Foi poesia por amor  
Às musas queridas,  
Minhas inspiradoras...



## **carne (ato único)**

*Lucas Leandro*

entro em casa

sentindo saudades do cheiro do teu sexo

do doce líquido que jorras vorazmente

ao deitar-me nu e só em minha cama

lembro do toque apertado

e do teu membro rígido

invadindo-me

desbravando-me

realocando habilmente

as configurações de minhas

placas tectônicas

o gozo chega pleno

e quando o seu está prestes a chegar

sinto que intensificam-se os movimentos

morde-me o ombro

ao ouvir teu ofegar

excito-me novamente

fico incontrolável

e utilizo-me de truques velhos  
para não deixar teu sexo enflaciar  
e logo coloco-te em riste novamente  
querendo que lave meus pelos  
com tua porra doce

tomar-me-te-beijar-me-te-cheirar-me-te-arranhar-me-te-  
lamber-me-te-me-ter-me-te

transportar-me-te: tempo primitivo  
rendo-me  
gozamos novamente  
um dentro do onde do outro um

então deitamos  
exaustos e satisfeitos

ajeito-me no abraço  
aproveito o calor da tua pele para aliviar a fria minha  
respiro com certa dificuldade  
meu corpo não está acostumado ao acarinhamento pós-gozo

não sei diferenciar a rima-torta  
(que não rima)  
alegria e melancolia  
entretanto, no centro do teu abraço  
aperto a alma  
desrimo-me todo  
inalando vida

## **Milagre**

*Maria Sueli Fonseca Gonçalves*

O amor é para a vida toda  
E até para depois de toda vida...

O encanto se disfarça de pessoa  
A pessoa se disfarça de encanto...

O milagre é processado:

Não há tempo, não há lógica,  
Não há meios, não há métodos,  
Não há fases, não há frases...

Só há o primeiro capítulo  
Só há o primeiro verso  
E o livro inacabado  
de uma vida inteira.

## Eco e Narciso

*Débora Inácia Ribeiro*

O meu corpo

deseja

o seu corpo

Mas eu não sei

se o seu corpo

deseja

o meu corpo

Não sei

se você é Narciso

e eu sou Eco

destruída

pelo seu desprezo

transformada em voz que não escolhe mais

Mas sou poeta

Posso suprimir *P* e *R*

Posso transformar *Z* em *J*

*Desprezo* em *desejo*

E assim salvar, milênios depois

Eco e Narciso

## **A Dois**

*Geraldo Rosa*

Sorvete em tarde de verão  
Caminhada na praia  
Dormir em pousada  
Café da manhã na cama  
Feira para comprar flores...  
E plantá-las no jardim!  
Chocolate quente em noite fria  
Brincar sob o edredom  
Tomar uma ducha  
Muitos beijos ao pôr do sol...  
E sexo ao amanhecer!  
Dançar até cair  
Pegar estrada sem destino  
Assistir a um romance  
Almoço de domingo em casa...  
E jantar à luz de velas!  
Compras na madrugada  
Contar uma piada  
Tomar cerveja no boteco  
Pedir uma pizza...

Ou comida japonesa!

Pedalar pelo parque

Jogar conversa fora

Ver o trem passar...

E chorar na estação!

Assistir a uma ópera

Falar só do presente

Brindar o novo ano

Olhar bem fundo nos olhos...

E dizer: — Eu te amo!!!

## Antologia

*José Brandão*

O amor é inefável  
os crisântemos são eternos por causa do amor  
a gente sua estrelas quando ama  
isto não é sexo, mas poesia  
isto não é poesia, é registro de maravilha  
amar é adoração, divindade, êxtase  
amor natural como o êxtase  
do corpo no corpo  
o amor inventa  
a morte  
o universo se ajoelha  
diante do amor  
não existe nada antes do amor  
nem depois



## No Ano do Amor!

*Maria Teresa Pelica*

Será o Amor quando chegas?  
Será o Amor quando partes?  
Se a vida vai e vem,  
Quando no teu sorriso de menino  
Eu me acolho e me sinto pequenina,  
Como outrora eu me sentia.  
Como outrora éramos os dois,  
Unidos e pequeninos.  
Será este o dia?  
Será esta a noite?  
Em que desperto  
Deste vazio e te sinto  
No meu abraço?  
Como esquecer os momentos,  
Horas e minutos em que fomos um do outro, e nos beijamos?  
Abraça a Vida,  
Abraça-me já.  
Fica e verás,  
Que nada mais terás,  
Que não seja este Já.  
Agora o Sol se põe,

A Lua brilha, e a Noite virá devagarinho estender os seus braços,  
Que te enrolando no seu manto,  
Pelo espaço se estenderá.  
Então... de repente,  
Perdi-me, no êxtase da nossa paixão.  
Amei, amamos,  
Vivi em emoção,  
Os nossos momentos,  
Sonhos da minha salvação.  
Fica! Não vás ainda!  
Esquece o Passado,  
E sonhe no Presente,  
Momentos roubados de ti, de mim, de nós,  
Que para sempre ficarão.  
Prende-me com força,  
E mesmo que o Amanhã não chegue,  
O Hoje será mais forte,  
E sempre perdurará nas asas da ilusão!

## Segundo poema sem as cabeças

*Michelle Alves*

eu quero  
a tua comida  
a mesma de ontem  
arroz feijão  
um ovo pra cada um  
cebolinha picada  
em pedaços muito pequenos

eu quero  
dançar contigo  
mesmo ritmo os passinhos  
de botas  
no galpão no carnaval  
sem música de carnaval

uma música que só tocou  
aquele dia aquela vez  
aquela  
respiração

depois  
o café da manhã  
perto do hotel  
onde o moço adorou dizer  
que não tinha vaga

quero você hoje  
com  
os passinhos que a gente puder  
dar hoje  
e deitar contigo

as cabeças  
lá  
na última linha  
do nosso  
primeiro poema

## **Intensidade**

*Antonio Luiz Medeiros de Campos*

Seus lábios são a fonte para uma insaciável sede, e servem de palco para o encontro da minha língua a tua.

Guiadas pelo instinto, minhas mãos percorrem teu corpo em brasas, pois pela razão, tão perfeita e natural harmonia seria impossível.

O mundo ao redor se distancia, vozes ao fundo tornam-se sussurros, até finalmente o silêncio, sublime melodia intensificar o poder que o “nós” possui.

E então a sensação do agora, faz o presente se eternizar tão rápido quanto se torna mais uma gota no oceano passado da existência.

## A Luz de Delft

*Joaquim Bispo*

O que vou contar começou na semana após o Natal, ao chegar a casa, cerca de cinco horas da tarde. Depois de me pôr à vontade, preparei um copo de leite-com-chocolate morno, juntei um pacote de bolachas recheadas e fui lanchar para a sala, enquanto via televisão.

Foi já no fim do lanche que o vi: o carteiro de Pablo Neruda, como eu me lembrava dele no filme, estava mesmo atrás da rapariga que lê uma carta junto a uma janela aberta, na reprodução pintada de Vermeer, que tenho por cima da escrivaninha. Primeiro, fiquei estático, sem saber bem o que pensar. Depois, observei as bolachas e cheirei o leite-com-chocolate, mas pareceram-me em bom estado!

Levantei-me e mirei-o de perto. Estava com aquele ar ingênuo e satisfeito de quem finalmente sabe o que são metáforas. E parecia bem implantado na camada cromática, como se tivesse sido pintado ao mesmo tempo em que a mulher. Esquecendo o anacronismo do vestuário, não ficava mal de todo no quadro. Aparentemente, tinha sido ele a trazer a carta à jovem holandesa de Vermeer.

“Bem”, pensei, “é melhor não dizer nada a ninguém, sem dormir sobre o assunto”. E foi isso que fiz no sofá, a meio de um diagnóstico delicado do Dr. House.

Quando acordei, a primeira coisa que fiz foi olhar para o quadro. O carteiro já lá não estava. Fiquei aborrecido. Frustrara-se a hipótese de mostrar o fenómeno aos amigos. Logo a seguir, fiquei preocupado. O que quer que tenha

perturbado a minha percepção devia estar em mim e podia ser um grave problema de saúde.

Resolvi fazer umas pesquisas na *Net* sobre alterações de percepção. Um *site* francês advertia que níveis elevados de açúcar no sangue podem provocar alucinações. Nessa noite, dormi mal.

No dia seguinte, via-se uma alcoviteira de Murillo assomando à janela, a falar com a rapariga da carta. E nos outros dias sucederam-se outras imagens de menor dimensão: um jarrão azul com flores, de Cézanne, junto à fruteira; uma joia a imitar Lalique no cabelo da jovem; o gato da Olímpia de Manet, sobre a tapeçaria; eu sei lá! Isto, apesar de eu ter começado a conter-me nas sobremesas e a lanchar só fruta fresca.

Entretanto, fui ao médico. Impôs-me uma dieta rigorosa sem açúcares e receitou-me uns comprimidos de lítio. Disse que devo ter uma predisposição genética visionária, que foi potenciada pelos excessos da quadra natalícia. Para eliminar todos os fatores desencadeantes, aconselhou-me ainda a parar com quaisquer leituras sobre arte durante uns tempos. Certo é que, passadas umas semanas, deixei de ver imagens estranhas a perturbar o recolhimento da holandesa de Vermeer na leitura da sua carta.

Quando já dava por seguro que o meu problema estava sanado, certa manhã dei pela falta da própria mulher do quadro. Calculam como fiquei! O coração acelerou-se e quase entrei em pânico. Se antes era açúcar, o que seria agora?!

Telefonei logo para o meu médico, que também se mostrou alarmado e me disse que eu, provavelmente, teria abusado da dieta. Mandou-me tomar imediatamente um pacote de açúcar dissolvido em água e que fosse ao consultório dele

no dia seguinte. Tomei o que ele mandou e estaquei pensativo a olhar para o quadro deserto. Que intrigante a situação!

Então, reparei nuns pequenos vultos refletidos na vidraça do quadro, agora noutra posição. Eram-me familiares. Apesar de minúsculos, não deixavam margem para dúvidas – eram as silhuetas da holandesa desaparecida e do carteiro de Pablo Neruda, passeando de braço dado numa praça de Delft!

Instantaneamente, entendi todo o percurso de aproximação e sedução: o primeiro contato, o recado influente, as flores, a prenda...

No dia seguinte, já não fui ao médico. Nunca mais lá voltei. Percebi que o amor é mais forte que quaisquer dietas ou comprimidos. E encontra sempre o seu caminho.



## O amor de uma mãe

*Renata Ferreira*

Prestes à chegada do Dia das Mães, recebi uma missão, cumprir uma tarefa escolar de minha filha, na qual teria que responder a seguinte pergunta: “O que é ser mãe?”. No mesmo instante veio uma avalanche de respostas, mas como poderia resumir essa palavra tão pequena, mas ao mesmo tempo tão grande.

Comecei a viagem pelo tempo, primeiramente nasci uma “menina”, que nem sequer imaginava que um dia poderia ter o dom de se tornar uma mãe. Cresci numa família onde a maioria são “mulheres” e isso me ajudou muito a observar tudo o que uma mãe faz ou deixa de fazer, porque ninguém é perfeita, nem mesmo uma mãe (tive que aprender isso!).

Até então, era filha única e meu instinto maternal ia se afluando através das brincadeiras com minhas bonecas, que nada mais eram que minhas “filhas fictícias”, além de minha mãe que virava minha filha nas brincadeiras de casinha.

Com o passar do tempo nasceram minhas irmãs, que se tornaram minhas “filhas postiças”, onde tinha como tarefa ajudar minha mãe a acalentá-las quando estavam em choro, ajudar a dar banho, trocar as fraldas e roupas, levar à escola, dar comida, a fazer as tarefas escolares; além de brincar, dar conselhos e também a brigar por motivos tolos e fazer as pazes como se nada tivesse acontecido, entre outros afazeres maternos que se deve ter na fase de aprendizado. Com isso meu inconsciente materno ia se aperfeiçoando e se moldando até se concretizar a se tornar uma mãe.

O grande dia chegou, tão mágico, tão inexplicável... “ser mãe!”... mas não uma mãe fictícia e nem postiça, mas real. Chegou o momento de colocar em prática tudo aquilo o que havia aprendido e mais um pouco, além de conhecer novos artifícios ou segredos de uma mãe. É claro, sentir nosso coração se mover fora do nosso corpo.

No primeiro momento, vem uma mistura de sensações (medo, alegria, angústia, ansiedade, dor, felicidade, amor, etc.)... algo único e indescritível. Nessa descoberta diária aprendemos que cada filho é diferente, cada um tem suas manias, seus defeitos, suas limitações, suas qualidades, suas preocupações, seus medos, seu tempo; mas que acima de tudo terão nosso colo e amor permanentes. E que cada noite mal dormida, cada lágrima escorrida, cada cansaço vivido, cada dor e cada medo escondido se apagam com um simples sorriso.

E nessa trajetória da vida, vêm na bagagem os netos, bisnetos, esposo, amigos, parentes, entre outras pessoas que também necessitam de nossos dons maternos. Até mesmo nossos pais, que acabam se tornando nossos filhos quando estão chegando à fase “ídosa”, ou seja, precisando de nossos cuidados.

De repente, retornando dessa viagem ao tempo, eis que me dou conta de que tenho que responder à tarefa escolar de minha filha... “O que é ser mãe?”

Ser mãe é exercer todas as profissões do mundo (professora, enfermeira, advogada, faxineira, psicóloga, entre tantas outras) em uma única pessoa e em forma de doação.

## Sobre os autores

**Aldirene Máximo:** Nasceu em São Paulo. É graduada em Letras pela Uninove e pós-graduada em Psicopedagogia pela mesma instituição. Narradora de histórias pelo Senac, escreve poesias desde os 12 anos. É autora dos livros: *Eu acredito no Amor!* e *Metáforas*, ambos pela Editora Scortecci. Tem participação em diversas antologias e revistas literárias. Acredita que sua missão é espalhar poesias pelo mundo. Contato: [writer.aldy@gmail.com](mailto:writer.aldy@gmail.com).

**Ane Yassuda:** Autora, roteirista dramaturga, diretora teatral e atriz. Formada em Pedagogia e Artes Cênicas, desenvolve trabalhos artísticos em projeto social em uma companhia de teatro composta unicamente por crianças. Ganhou o primeiro prêmio literário aos 9 anos de idade e outro em concurso de recitação em Fiuggi (Itália) em 2010, sendo a única estrangeira concorrendo. Ainda em 2011, premiada com menção honrosa pelo conto infantil *O Gato na Janela*. Contato: [aneyassuda35@hotmail.com](mailto:aneyassuda35@hotmail.com).

**Antonio Luiz M Campos:** Tem 19 anos, nasceu em Mairinque (SP) e reside em Alumínio (SP). Contato: [antonio.campos2@hotmail.com](mailto:antonio.campos2@hotmail.com).

**Débora Inácia Ribeiro:** É psicóloga, poeta, pesquisadora e professora. Especialista em Educação e Cultura, Mestre em Desenvolvimento Humano e membro efetivo da Academia de Letras de Campos do Jordão - SP. É pesquisadora no Núcleo de Estudos de História da Cultura, Sociedade e Mídias da Universidade Presbiteriana Mackenzie e professora no Departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté. Autora dos títulos: *“Minhas Impressões (imagens e imaginações)”*, publicado pela Editora Cabral (2010) e *“Bordado das Horas”*, publicado pela Editora LiberArs (2018). Contato: [deborari@hotmail.com](mailto:deborari@hotmail.com).

**Edih Longo:** É formada em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. É atriz de Teatro, fazendo parte do Grupo *“Arte in Cena”* do Clube Paineiras do Morumbi. É dramaturga, romancista, poeta, contista e cronista. Já ganhou alguns prêmios nestas modalidades e foi agraciada recentemente por três primeiros lugares (poesia, conto, dramaturgia) e no terceiro lugar (romance juvenil) pela **UBE** (União Brasileira de Escritores) do Rio de Janeiro. Contato: [edillongo@yahoo.com.br](mailto:edillongo@yahoo.com.br).

**Edson Amaro:** Publicou pela editora Fragmentos o livro de poemas *Ouro Preto e Outras Viagens*. Em formato e-book, no site Amazon, publicou as traduções de *Discursos Sobre A Primeira Década de Tito Lívio*, de Maquiavel; *O Rei Saul*, de Vittorio Alfieri; *Thomas Morus*, de Silvio Pellico, e *Carta da Jamaica*, de Simón Bolívar. Contato: [plantearvores2@gmail.com](mailto:plantearvores2@gmail.com).

**Felipe Messara Diniz e Silva:** É estudante de filosofia e amante da arte em geral. Escreve por hobby e se propõe a expressar um estilo próprio. “Sempre com consciência, cabeça feita, recorrendo à ciência, exercendo a paciência e tomando cuidado com a demência desse mundo de exigências”. Contato: [felipemessara@yahoo.com.br](mailto:felipemessara@yahoo.com.br).

**Gabriela Rodrigues Ferreira da Silva:** 19 anos, apaixonada por literatura e escrita, de Sorocaba (SP). Desde quando aprendeu o alfabeto, insistia em querer que as palavras realmente dissessem o que sentia, ainda que não soubesse muito bem como. E conseguiu. A paixão só foi aumentando, junto com o número de poemas e de obras lidas. A paixão é o que move cada letra que escreve. Contato: [gabriela-rodrigues13@outlook.com](mailto:gabriela-rodrigues13@outlook.com).

**Geraldo Rosa:** Paulista de Aparecida, o escritor, cantor e artesão, sempre instigado pelas Artes, por volta de 1997 começou a escrever seus textos, mas só após participar de um concurso de poesias no ano de 2002, em Guaratinguetá (SP), e chegar ao 3º lugar com a poesia "A vida no interior" passou a sonhar com a publicação de seus poemas. Desde então vem se dedicando à escrita. Contato: [geraldorosaescritor@gmail.com](mailto:geraldorosaescritor@gmail.com).

**Geraldo Trombin:** É publicitário, ex-colunista dos blogs ContemporArtes e BDE (Bar do Escritor) e colaborador do jornal *O Liberal*, de Americana/SP. Lançou em 1981 *Transparecer a Escuridão*, produção independente de poesias e crônicas, e em 2010 *Só Concursados - diVersos poemas, crônicas e contos premiados*. Tem classificações em inúmeros concursos literários realizados em várias partes do país e também em Portugal, além de trabalhos publicados em jornal e diversas antologias. Contato: [gtrombin@terra.com.br](mailto:gtrombin@terra.com.br).

**Giúrgia Neiva:** Psicóloga, antropóloga e escritora, atualmente é Doutoranda em Antropologia Social no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social pela Universidade Federal de Goiás (PPGAS – UFG), na linha de pesquisa Corpo e Marcadores Sociais da Diferença. É pesquisadora do Ser-Tão (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade) e parceira no Projeto Cinema no

Museu Antropológico da mesma instituição de ensino. Contato: [giorgianeiva@gmail.com](mailto:giorgianeiva@gmail.com).

**Gisele Martins Ferreira:** Tem 32 anos, dos quais 26 passou “devorando” livros. Embora sempre tenha sido fascinada pela literatura fantástica, hoje tem descoberto as maravilhas da leitura escrita de outros gêneros literários. É graduada em Ciências Biológicas e cursa mestrado em Ensino e História das Ciências, onde se dedica a pesquisar a Educação em Sexualidade. Contato: [gmsfcavasini@gmail.com](mailto:gmsfcavasini@gmail.com).

**Joaquim Bispo:** Português, reformado, ex-técnico da televisão pública, licenciado em História da Arte. Experimenta a escrita de ficção desde 2007. Frequentou oficinas literárias na internet, colabora com a revista literária eletrônica Samizdat desde 2008 e integra mais de uma vintena de coletâneas resultantes de concursos literários dos dois lados do Atlântico. Contato: [episcopum@hotmail.com](mailto:episcopum@hotmail.com).

**José Carlos Mendes Brandão:** Nasceu em Dois Córregos, SP, em 28 de janeiro de 1947, e mora em Bauru. Publicou oito livros de poesia e um de crônicas. Ganhou vários prêmios literários, como o da V Bienal Nestlé de Literatura (por um livro de poesia inédito, *Presença da Morte*, depois lançado pela Nestlé/ Editora Estação Liberdade, 1991), o *José Ermírio de Moraes* (por *Exílio*, Massao Ohno Editor, para melhor livro de poesia do ano, 1983), o *Cidade de Belo Horizonte* (por um romance inédito, 2000). *Antologia* é um poema-antologia (à maneira de Manuel Bandeira) formado por versos de seu livro *Poemas de amor*, de 1999. Contato: [jembrandao@gmail.com](mailto:jembrandao@gmail.com).

**Jullie Veiga:** Poeta de São Luís (MA). Também escritora e organizadora de projetos literários. “Escrevo desde a infância, por paixão e porque as letras me tomam e me usam no nascimento de cada escrito”. Com participação em mais de quarenta obras; livros e revistas, nacionais e internacionais. Contato: [jullieveiga@gmail.com](mailto:jullieveiga@gmail.com).

**Letícia Maria Motta de Moraes:** Nascida em Santo André/SP, é graduada em Administração, especialista em Docência no Ensino Superior, mestre em Educação e professora do ensino superior. Escreve desde 1977, quando descobriu que transformar em palavras os sentimentos inexplicáveis era um meio de libertar sua alma e de abrandar o cotidiano. Contato: [leticiaibloguer@gmail.com](mailto:leticiaibloguer@gmail.com).

**Leverton José Veríssimo Vieira:** Nascido em Capela do Alto, São Paulo, em 2000, ouvia a avó contar histórias e isso o fascinou e o inspirou a fazer o mesmo. Amante de livros e histórias, passa

madrugadas inteiras perdido em páginas e palavras. Sonha em um dia poder levar suas histórias para o mundo todo e ter uma biblioteca tão grande que poderá se perder lá dentro. Cursa Letras na Universidade de Sorocaba e escreve muito nas horas vagas. Contato: [levertonjose@hotmail.com](mailto:levertonjose@hotmail.com).

**Lucas Leandro:** 24 anos, nasceu em Diadema/SP, mas se considera Sorocabano da cabeça aos pés, pois vive na cidade de Sorocaba desde os cinco anos. Formado em Letras, possui um livro publicado por editora, o *Marta* (também conhecido como *Martinha*) e três publicados de maneira independente, o *boca aberta*, o *(ref.)lexos* e o *balelas* (também conhecidos como *antitriologia mosaico espiralado*). Contato: [lucasleandro00@gmail.com](mailto:lucasleandro00@gmail.com).

**Marcelo Gomes Jorge Feres:** Nascido em 06/07/1957, na cidade de Niterói, RJ. Graduado em Administração pela EBAP, Rio de Janeiro, em 1979; graduado e pós-graduado em Direito pela UNESA, Rio de Janeiro, em 2005; pós-graduado em Filosofia (EAD) pela Universidade Gama Filho, São Paulo, em 2013; publicou 13 livros de conteúdo poético-filosófico e participa de várias antologias desde 1987. Contato: [marcelo.gomes.jorge.feres@gmail.com](mailto:marcelo.gomes.jorge.feres@gmail.com).

**Márcio Fernando Silveira:** É paulistano e, entre diversas publicações, participa da antologia do II Prêmio Escriba de Crônicas de 2014. Contato: [mrfernando@gmail.com](mailto:mrfernando@gmail.com).

**Maria Sueli Fonseca Gonçalves:** É membro efetivo da Academia de Letras de Campos do Jordão – cadeira 21, do poeta Emílio Moura. Professora, idealizadora do Projeto Academia Estudantil de Letras – AEL. Coordenadora do Projeto AEL na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo – SME. Professora de Língua Portuguesa e Literatura, formada pela Universidade de São Paulo – USP. Contato: [suelizinha@uol.com.br](mailto:suelizinha@uol.com.br).

**Maria Teresa Barreiros Pelica:** Licenciada em Filologia Germânica pela Faculdade de Letras de Lisboa e residente nos arredores de Lisboa, Portugal. Lecionou durante muitos anos a disciplina de Inglês no Ensino Público e Privado a jovens entre 12 e 18 anos. Atualmente dedica-se a atividades com a escrita e a fotografia. Como blogger compartilha com seus seguidores suas reflexões sobre as leituras que faz, especialmente no âmbito de Formação e Desenvolvimento pessoal. Contato: [mtprbp@gmail.com](mailto:mtprbp@gmail.com).

**Michelle Alves:** é poeta e bailarina. Com formação em dança, ministrou aulas de dança de salão, realizando apresentações dentro e

fora de sua cidade natal, o Rio de Janeiro. Possui graduação em história pela UFRJ, mestrado em história pela Puc-Rio, e atualmente cursa o doutorado, também na Puc-Rio. Tem poemas publicados pela Revista de Poesia e Arte Contemporânea *Mallarmargens*. Contato: [michelle-alves@hotmail.com](mailto:michelle-alves@hotmail.com).

**Nilmara Tomazi:** “Nasci em Caxias do Sul/RS em 17 de março de 1994. Em 2012, ingressei na faculdade de Jornalismo na Universidade de Caxias do Sul. Gostava muito da área de comunicação, mas percebi que gostaria mais de me dedicar às Letras. Enquanto trabalhava com revisão textual em uma editora de textos jurídicos (Editora Plenum), mudei o curso para Licenciatura em Letras (Português) e ingressei como bolsista de iniciação científica em um grupo de Estudos de Gênero. Nesse período, publiquei meu primeiro artigo (*A mulher no contexto social: a construção da personagem Maurizija, em Contos de Eva Luna*, revista *Ao pé da Letra*). Em 2015, transferei o curso para a Universidade Federal de Santa Catarina e me mudei para Florianópolis. Atualmente, trabalho com freelances de revisão e formatação de textos e continuo na graduação. Meu objetivo é mostrar meu trabalho como produtora e revisora de conteúdos e seguir a vida acadêmica após concluir a Licenciatura”. Contato: [nilmaratomazi@gmail.com](mailto:nilmaratomazi@gmail.com).

**Paulo Luís Ferreira:** É natural de Recife/PE. Nascido em 17/07/1953. Vive em São Paulo desde 1973, quando ingressou em diversas escolas e grupos de teatro. Fotógrafo de profissão. Hoje é Professor de História e Geografia. Como escritor, escreveu para teatro e ganhou o *Prêmio Estímulo à Literatura*, pela Secretaria de Cultura de São Bernardo do Campo, com o conto *Minha Família Querida*. Outros contos foram publicados pela Revista Literária *Tantas Letras* e *Ponto e Contraponto*. Menção Honrosa, (Concurso Míau de Literatura) com o livro de contos *Os Malefícios do Humor* pela Editora Costelas Felinas. Outros dois contos estão sendo editados pela Big Time Editora. Tem contos publicados pelas revistas virtuais: *Literalmente Intrigante* e *Literálivre*. Tem um Romance, *Um Suco de Laranja Sem Açúcar com Hortelã*, e *Século XXI*, (contos), autoeditado em Clube de Autores. Contato: [pluis.177@globomail.com](mailto:pluis.177@globomail.com).

**Regina Ruth Rincon Caires:** 64 anos, funcionária pública aposentada, formada em Letras e Direito e sem livros publicados. Gosta de escrever prosa e participar de concursos literários. É casada, tem dois filhos e seis netos. Contato: [reginaruthrinconcaires@gmail.com](mailto:reginaruthrinconcaires@gmail.com).

**Renata Ferreira:** Pós-graduanda em Neuropsicopedagogia e Psicopedagogia Institucional e Clínica; graduada em Matemática e técnica em Gestão de Recursos Humanos. Contato: *renata\_msf@hotmail.com*.

**Roque Aloisio Weschenfelder:** Natural de Santo Cristo – RS, reside em Santa Rosa – RS. Tem 69 anos de idade, é graduado em Letras e professor aposentado. Autor de mais de uma dezena de livros literários e didáticos; integra cerca de 150 antologias textuais no Brasil e em Portugal; é multipremiado em quase 200 concursos literários, tendo obtido prêmios de destaque como a Viagem Nestlé Pela Literatura em 2002. Ainda atua como revisor textual, consultor de publicação para novos autores, palestrante e orientador de acadêmicos quanto a textos que necessitam publicar. Contato: *roquealoisio@yahoo.com.br*.

**Tamara Castro:** Paulistana de alma caiçara, vive bordando travessias entre a cidade de concreto e as águas salobras da baía de Paraty (RJ). É editora e pesquisadora no Lab\_Arte, da Faculdade de Educação – USP, onde apresentou a dissertação de mestrado intitulada *A canoa da escritura formativa: trajetórias do barro pelo rio ao mar* (2015), em que investiga a escritura poética como processo de criação e como processo formativo. Em 2017, participou com dois poemas da antologia *Mar selvagem: Vicente de Carvalho revisitado* (Organização: Márcio Barreto. Santos (SP): Imaginário Coletivo, 2017). Contato: *castro.tam@gmail.com*.